

Impresso Especial  
9912202858/2008-DR/RJ  
APPAI  
CORREIOS

IMPRESSO



# Matemática com jogos e desafios promove interdisciplinaridade entre alunos do Ensino Fundamental

Ano 15 - Nº 80 - 2012 - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)



## Tecnologias digitais na Educação: subversão ou submissão

Vicente Willians do Nascimento Nunes\*

A controvérsia sobre a importância da presença das tecnologias digitais (computadores, Internet, *scanners*, *datashow* etc.) na escola já está, de certa forma, ultrapassada. Não cabe mais esse tipo de discussão, pois hoje podemos afirmar, com certa margem de segurança, que a maioria das pessoas envolvidas com a Educação tem consciência do quanto é necessário que alunos tenham contato com tecnologias digitais (TD) durante sua formação acadêmica.

Nesse contexto é importante entender por que, embora ofereça diversos recursos que possibilitam o surgimento de práticas pedagógicas inovadoras voltadas para a aprendizagem participativa e contextualizada, o uso destas tecnologias, em sua grande maioria, continua servindo para perpetuar atividades educacionais pautadas na ação do professor e na reprodução do conhecimento?

O encanto e fascínio que as TDs exercem sobre os jovens e sua grande penetração nos diversos segmentos da sociedade nos obriga a (re) pensar de que forma serão integradas ao cotidiano escolar. O uso da palavra "integrada" ao invés de "incorporada" é proposital, já que nosso entendimento é o de que "integração" tem relação com a parceria que se estabelece entre os educadores e as TDs na promoção de propostas pedagógicas condizentes com a sociedade atual, enquanto que "incorporação" nos remete à ideia de submissão, ou seja, quando é simplesmente incorporada à escola, as TDs servem apenas para perpetuar as metodologias que ali já existiam e que são, na sua grande maioria, pautadas em uma educação baseada na centralidade do professor. De que forma usaremos essas tecnologias? Para eternizar as práticas pedagógicas do século passado? Ou para possibilitar aos nossos jovens uma educação que os prepare, de forma efetiva, para viver na sociedade atual e, mais ainda, que os torne aptos a se adaptarem às mudanças que estão por vir.

Nossos alunos vivem em um mundo digital, e a facilidade que apresentam para utilizar os aparatos tecnológicos é um aspecto marcante nessa geração. Para Prensky (2001), eles são os chamados nativos digitais, uma classificação que serve para caracterizar os jovens que utilizam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e de forma

mais específica as TDs de maneira muito natural em seu cotidiano. Os nativos digitais falam e agem em consonância com o mundo no qual vivem. A realização simultânea de atividades como digitar um texto, ouvir músicas, conversar *on-line*, postar (textos, músicas e vídeos) nas redes sociais ou em *blogs* não apresenta nenhum grau de dificuldade, pelo contrário, é algo muito comum no seu dia a dia. Em contrapartida os imigrantes digitais, que são aqueles que não nasceram, mas obrigatoriamente têm que se adaptar ao mundo digital, sentem muita dificuldade em entender como é viver nesse contexto. Embora já estejamos na Sociedade da Informação, uma parte das pessoas, seja por falta de acesso ou de forma deliberada, continua a viver como se ainda estivéssemos na Sociedade Industrial.

A Sociedade da Informação está baseada nas TICs usadas na produção (individual e coletiva), aquisição, armazenamento e distribuição de uma vasta quantidade de informações.

É característica marcante dessa sociedade a convergência de diversas tecnologias. O celular é um exemplo clássico disso, pois, embora tenha surgido como um aparato tecnológico de comunicação móvel, atualmente é usado como máquina fotográfica, filmadora, TV, GPS, computador, rádio etc. Essa situação amplia ainda mais a produção e o compartilhamento das informações, que é a principal característica da sociedade na qual estamos vivendo.

Dentre as tecnologias que caracterizam a sociedade atual, a Internet merece um destaque especial por ser a principal responsável pela constituição de uma rede que possibilita uma integração sem precedentes na história da humanidade. Essa teia descentralizada e não hierarquizada produz, modifica, amplia e compartilha informações e conhecimentos que vão influenciar diretamente o nosso modo de viver. Aspectos culturais, profissionais e educacionais são diretamente afetados a partir das relações e eventos que emanam dessa rede composta por diversas outras sub-redes.

A escola tem a função de preparar para a vida em sociedade e, embora ela não seja o único local onde ocorra a Educação, é a instituição de referência para a realização dos processos de ensino e de aprendizagem. No entanto autores como Freire (2002) questionam a escola e classificam o seu formato de educação como "bancária", na qual o papel do professor é soberano, sendo ele o único a ter ação no ato da aprendizagem, cabendo aos alunos apenas uma postu-



**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M.T. RJ 22685JP)

**Colaboração**  
Claudia Sanches, Sandra Martins,  
Tony Carvalho e Marcela Figueiredo

**Fotografia**  
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade e tiragem**  
Bimestral – 67.000 (sessenta e sete mil)

**Impressão e distribuição**  
Gráfica Ediouro – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:**

**End.:** Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

**Endereço Eletrônico:**

[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

**Tel.:** (21) 3983-3200

\* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



ra passiva na qual os conhecimentos são, supostamente, “depositados” em suas cabeças.

O questionamento desse formato de educação é recorrente, o que faz com que seja criticado desde o século passado. Mesmo assim, na sociedade atual, essa proposta de ensino, baseada na centralidade do professor, se torna incabível quando levamos em consideração as características advindas da Sociedade da Informação e dos nativos digitais que estão nas escolas. As possibilidades de colaboração, interatividade, compartilhamento e construção (individual e coletiva) de informações e conhecimentos que nos são ofertadas pelas TICs requerem uma nova proposta pedagógica, não mais baseada na ação exclusiva do professor, mas na qual o aluno tenha participação ativa na construção dos seus conhecimentos.

A educação baseada na transmissão de conteúdos se torna ainda mais sem propósito, quando sabemos que a Sociedade da Informação é caracterizada, fundamentalmente, pela produção e disponibilização de informações e conhecimentos em larga escala, algo que nos leva a duas constatações: a primeira é sobre a necessidade de continuarmos estudando durante toda a vida, já que as coisas são atualizadas de forma cada vez mais rápida e constante; a outra constatação está relacionada à impossibilidade de definição de quais são os conhecimentos necessários para a uma formação plena. Isso nunca foi uma tarefa fácil, no entanto, atualmente ela se torna ainda mais complexa, dada a quantidade e a velocidade com as quais as informações e os conhecimentos são produzidos. A Educação não pode estar focada somente nos conteúdos. Muito embora reconheça a importância da sistematização de alguns saberes, entendo que a educação do nosso século deve promover o desenvolvimento da autonomia do processo de aprendizagem, possibilitando que nossos educandos se tornem aptos a continuar construindo outros saberes ao longo de suas vidas.

A escola atual deve ter como principal característica a preparação integral de seus alunos, aqui entendida como uma formação que englobe aspectos relacionados não só aos conteúdos mais que contemple a construção de pessoas comprometidas com o bem da coletividade.

Discutir a escola na Sociedade da Informação passa, também, por uma discussão do papel dessa instituição como um todo. Independente de que tipo de educação esteja em debate, é importante ressaltar que a escola sempre foi um

espaço privilegiado para a construção do saber de forma colaborativa e contextualizada. As TDs, quando usadas de forma crítica, somente ampliam essa possibilidade.

As TICs, quando empregadas de maneira planejada, podem favorecer a interatividade, a colaboração e o aprendizado contextualizado. Além dessas características esses recursos tecnológicos também são importantes para o desenvolvimento do exercício da autoria, aspecto fundamental em uma proposta de educação na qual o discente deixe de ser mero espectador e passe a ter ação efetiva no processo educacional.

A minha experiência docente em diversas escolas e universidades nas quais trabalhei com alunos de todos os segmentos desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA), passando pela graduação e pós-graduação, tem mostrado que, atualmente, o uso das TICs é algo bem natural para esses alunos, apenas o pessoal do EJA apresentando maior dificuldade no uso das TDs, o que ocorre muito por conta da geração à qual pertence. Também percebo que os recursos digitais estão cada vez mais presentes nas escolas. O barateamento dos aparatos digitais é a principal causa do aumento da presença das TDs nas escolas particulares e, quanto às escolas públicas, vemos cada vez mais investimentos nessa área. Sendo assim, temos de um lado os aparatos tecnológicos cada vez mais disponíveis nas escolas (públicas e particulares) e, de outro, os alunos totalmente adaptados ao uso desses aparatos. Fica faltando apenas que professores se apropriem dessas tecnologias digitais em sua prática pedagógica para que possam proporcionar uma educação contextualizada e em consonância com as necessidades do século XXI.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais - Imigrantes Digitais**. USA: De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, 2001). Versão traduzida disponível em [http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2\\_intencoes/nativos.pdf](http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf). Acessado em 13/04/2012.

\* **Vicente Willians do Nascimento Nunes** é Mestre em Educação; coordenador do Núcleo de Tecnologia Educacional (Nute) do Colégio Cruzeiro de Jacarepaguá.



## Ser Professor da Educação Infantil

Ana Paula dos Santos Monteiro\*

Na prática pedagógica destes últimos anos, em contato com os professores da Educação Infantil, percebi que havia uma imagem positiva do trabalho docente, principalmente na creche. Entretanto, esses professores,

em alguns momentos, apresentavam desânimo, cansaço, insatisfação com a profissão e com a falta de reconhecimento dos pais e da sociedade, de maneira geral, ao trabalho desenvolvido nas creches. Os professores consideravam que, mesmo tão pequenas, as crianças mostravam-se “indisciplinadas”, sem acompanhamento familiar, fazendo com que o professor depositasse suas expectativas nas equipes

pedagógicas para superação das dificuldades encontradas em sala de aula, o que na maioria das vezes não ocorria, perdendo-se gradativamente a proposta de trabalho criativo e dinâmico.

Comecei a refletir sobre como acontecia este processo de reconstrução pelo professor da Educação Infantil, como as ideias, os valores e os sentimentos que passaram a nutrir pela profissão iam tomando forma na prática. Meu interesse era compreender o que acontecia com o professor da Educação Infantil na (re) construção dos sentidos de seu próprio trabalho.

A partir dessas observações, vivências e do estudo de autores que abordam a temática, fui buscando uma teoria que permitisse compreender o processo de construção e atribuição de sentido aos objetos, em consonância com a prática e a vivência dos sujeitos, utilizando como referência neste trabalho a teoria das Representações Sociais. Essa teoria nos auxilia, apresentando os indícios encontrados sobre os sentidos que docentes da Educação Infantil atribuem ao seu próprio trabalho. Associando-os a imagens, valores, modelos e crenças, e aos significados destas associações no espaço escolar.

A oposição entre os termos *cuidar* e *educar* destaca-se no conjunto das análises. Enraizando-se em valores e modelos tradicionais que opõem *corpo* e *espírito* e atribuem positividade ao segundo e negatividade ao primeiro, o binômio *cuidar – educar* integra, em cada um de seus termos, especificidades cuja forma e conteúdo definem-se na relação com seu oposto. Este binômio está sutilmente presente em diferentes momentos, encaminhando, justificando ou ratificando a distinção e hierarquização feitas entre o valor social e simbólico atribuído pelos sujeitos ao trabalho do professor de creche e ao do professor de pré-escola.

Considerando o conjunto do material produzido em cada subgrupo, destaca-se o esforço dos professores de pré-escola para se diferenciarem, tanto dos professores de creche quanto dos seus próprios auxiliares, de modo a garantir a especificidade e a profissionalidade de seu trabalho

e afirmar a necessidade de uma formação específica para o exercício das tarefas que lhe são próprias.

Para os professores de pré-escola, o possível núcleo central das representações de professor de creche é composto pelos termos *amor* e *paciência*, o que parece situar os sentidos polarizados por este objeto no campo dos atributos pessoais. Note-se que os próprios professores de creche associam sua atividade ao *cuidar* de crianças, para o que necessitam, apenas, de *paciência*, conforme encontrado no possível núcleo central de suas representações.

O professor da pré-escola não se reconhece como pertencente a um grupo que englobaria o professor de creche, nem situa este colega como um igual. O professor de creche, por sua vez, não tem, ou não deixa ver, parâmetros que o aproximariam do de pré-escola, mas atribui a este profissional, as mesmas características que atribui a si mesmo, ainda que acrescidas de maiores exigências. Assim, aparentemente iguala-se a este outro, embora, em outros momentos reconheça, na atuação deste último, características e exigências distintas do que lhe é próprio. Neste jogo de aproximações aparentes e distanciamentos fortes, a proclamada unidade da Educação Infantil parece profundamente questionável.

Finalmente, cabe considerar que mudar representações sociais, o que freqüentemente é um desejo subjacente a políticas e normas institucionais, é tarefa árdua e complexa. É preciso considerar os níveis e dimensões nelas imbricados, a cultura, a história e as relações dos envolvidos, o que demanda tempo e profundidade analítica. Esta dissertação não teve a pretensão de apontar caminhos para a solução das questões levantadas, mas, ao deixá-las ecoar, buscou contribuir para que outros possam dar continuidade a este estudo, explorando-as mais profundamente.

---

\***Ana Paula dos Santos Monteiro** é Mestra em Educação, e coordenadora do curso de pedagogia a distância na rede privada de ensino.



# À escola o que é da escola

Andrea Gouvêa Vieira



**A** educação pública nos Estados Unidos atravessa um momento difícil e vem sendo criticada por professores e especialistas. O jornal *The New York Times* publicou recente artigo do escritor Alex Kotlowitz sobre os motivos da greve dos professores de Chicago. A Prefeitura já tinha decidido contratar mais professores para aumentar a jornada escolar e garantido um bom aumento de salário para eles, mas isto não os impediu de entrar em greve, pela primeira vez desde 1987.

Falta de ar-condicionado nas escolas e o novo sistema de avaliação de professores foram algumas razões alegadas, sem consistência, porém, como disse Kotlowitz, para que cerca de 26 mil mestres deixassem de trabalhar. Um deles afirmou que, se alguém perguntasse a 30 de seus colegas por que eles estavam em greve, teria 30 respostas diferentes: os professores queriam mais consideração; se opunham à reforma escolar; temiam a privatização da educação, na forma de escolas administradas por instituições não públicas (semelhante ao modelo das OSs instituído no Rio). O autor acredita, porém, que algo muito mais profundo está acontecendo em Chicago e nos Estados Unidos. Cita o livro "How children succeed", do educador Paul Tough, para quem as mudanças na estabilidade dos professores tornaram-se, naquele país, "o instrumento político central do esforço nacional para melhorar a vida de crianças pobres".

Hoje, uma em cada cinco crianças na América vive abaixo do nível de pobreza. Em Chicago, 87% dos alunos de escolas públicas vêm de famílias de baixa renda. A escola é fundamental em qualquer estratégia de combate à pobreza, mas não sozinha. Não se faz reforma escolar reduzindo custos, sem investimentos ousados na educação infantil e para aliviar as pressões da pobreza. Kotlowitz questiona se é justo pedir que as escolas e professores assumam sozinhos a responsabilidade pelos problemas econômicos. Em 2011, ele esteve numa escola de bairro pobre que perdera oito alunos e ex-alunos devido à violência e outros 19 haviam sido feridos a tiros. Assistiu a cenas comoventes como a de uma menina com problemas em casa que teve que se mudar para a família de um amigo, onde não havia comida suficiente para todos. E a de um jovem que ficou traumatizado após ter visto um assassinato perto de sua casa. A escola, entretanto, observou, é um local seguro onde as crianças querem estar.

O problema é que se passou a acreditar que, com bons professores, maior permanência das crianças nas escolas e rigorosos testes de avaliação pode-se transformar a vida delas. A verdade é bem mais complicada. Escolas e ensino de qualidade podem fazer grande, até enorme diferença na vida das crianças. Mas é um equívoco atribuir superpoderes aos professores. Depois de mais de 15 anos de reforma do ensino em Chicago, a taxa de evasão escolar foi muito reduzida, mas ainda atinge espantosos 40%. Muitas escolas de Ensino Fundamental da cidade têm um assistente social apenas um ou dois dias por semana – eles são compartilhados entre as escolas, em comunidades onde as crianças enfrentam inúmeras pressões e tensões. As turmas de Jardim até 3º ano têm

25 alunos, embora desde a década de 1980 se saiba que turmas pequenas, de até 15 alunos, durante os anos iniciais, podem fazer grande diferença para resultados a longo prazo.

Os horários de programas extra-curriculares para estudantes de 6 a 12 anos foram reduzidos em 23% desde 2005. No início deste ano, a cidade fechou metade de suas clínicas de saúde mental. Algo em torno de 45 escolas querem um programa que reduziu a violência e aumentou as taxas de graduação, mas os recursos são suficientes para apenas 15. A historiadora educacional Diane Ravitch coloca em primeiro lugar, entre medidas para melhorar a situação, a universalização dos cuidados pré-natais, o que parece não ter a ver com a sala de aula. Mas Ravitch quer enfatizar que, ao cortar serviços em comunidades pobres e reduzir os orçamentos escolares, não se pode esperar que mesmo os bons professores melhorem a vida de crianças. Pobreza não pode ser uma desculpa para o ensino ruim, mas nem um excelente ensino pode ser, sozinho, solução para a pobreza.

A Prefeitura do Rio lançou, em 2009, o programa Escolas do Amanhã, com o objetivo de reduzir a evasão escolar e melhorar o desempenho de alunos que moram em áreas carentes e conflagradas da cidade. Os resultados do Ideb 2011 mostram que houve progresso. Mas, ainda assim, entre as dez escolas de toda a rede com pior posição no *ranking*, seis são Escolas do Amanhã. Aqui, como em Chicago, escolas não fazem milagre. Só se pode cobrar delas o que é de sua responsabilidade.

**Andrea Gouvêa Vieira**

Vereadora da Cidade do Rio de Janeiro  
E-mail: falecomigo@andreagouveavieira.com.br



# Feira Integrada

Projeto propõe iniciativas no dia a dia que podem transformar o mundo

Claudia Sanches



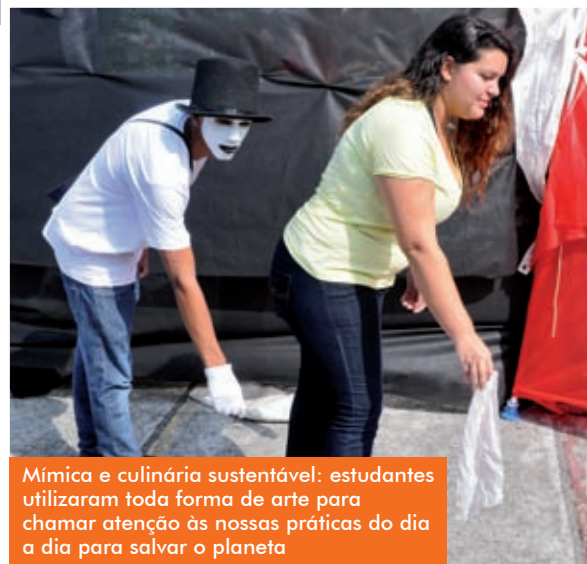
**S**e depender dos esforços em educação ambiental nas escolas, as novas gerações viverão em um planeta melhor. No Instituto São José, onde se realizou a “Feira Integrada” com o tema Sustentabilidade, os alunos são um reflexo dessa nova realidade: uma juventude que cresce falando da necessidade de mudança de comportamento para evitar uma tragédia anunciada. Desenvolvido com os alunos do Ensino Fundamental até o Médio, o projeto se destacou pela diversidade de experiências apresentadas e pela maturidade do tema. Segundo a coordenadora disciplinar Tânia Caruso, a razão desse sucesso está na participação das turmas e famílias: “Contamos com os alunos e responsáveis, estamos desde fevereiro trabalhando dentro de sala de aula, e os projetos propiciam o amadurecimento do alunado”, explica.



A equipe da professora Alexandra Maia, do 6º ano, abordou práticas que podem minimizar o impacto sobre o meio ambiente, como reutilização de sucata. Durante abertura do evento, as crianças desfilaram em uma passarela de PVC com seus utensílios fabricados a partir de material reciclado, como tapetes, papa-pilhas, porta-retratos e objetos de decoração. Para falar sobre a água e sustentabilidade dos rios o 3º ano do Ensino Médio foi a campo. Numa visita à Pedra Branca, na Taquara, o grupo observou a nascente do rio, seu curso até a comunidade onde deságua. A aluna Juliana contou um pouco dessa vivência ao público: “No final do trajeto o rio estava totalmente contaminado. Lá, conversamos com a Polícia Florestal e criamos um informativo com ações simples que as pessoas devem ter no dia a dia. Assim confeccionamos os maquetes de uma cidade “ideal” e falamos sobre a necessidade de uma química verde, que é o reaproveitamento de todos os tipos de material para evitar a contaminação dos rios”, relatou Juliana.

Com o tema sustentabilidade humana a equipe falou sobre a responsabilidade de cada um de uma forma bem-humorada. O aluno Rodrigo encarnou um mímico, que ia atrás das pessoas que estivessem jogando lixo fora do lugar ou atirando papel no chão. Depois o artista deixava uma singela mensagem escrita à “vítima”: “Fico atrás da pessoa até ela me ver; no início ela fica meio sem graça, mas o objetivo é conscientizar de que aquele ato terá uma consequência”, explica. A ideia da mímica foi sugestão do professor de Física Eduardo Maeta, para demonstrar a lei dessa ciência, segundo a qual toda ação tem uma reação.

Os alunos do segundo ano projetaram um vídeo abordando problemas ambientais e soluções na Grande São Paulo. O professor de História Ronaldo Carlos explica que escolheu o tema por ser muito emblemático. O estado é o coração econômico do país e, ao mesmo tempo, possui as maiores iniciativas em projetos ambientais: “Os principais problemas vêm de lá e as melhores propostas também”, comenta. Outro grupo do 2º ano do Ensino Médio trabalhou com a cidade de São Paulo



Mímica e culinária sustentável: estudantes utilizaram toda forma de arte para chamar atenção às nossas práticas do dia a dia para salvar o planeta

e fez uma denúncia. Através de pesquisas os jovens descobriram que muitas empresas que se dizem sustentáveis na verdade não cumprem as leis ambientais. A maior parte delas, indústrias que poluem através do gás carbônico das chaminés. De acordo com a pesquisa dos alunos a maioria não utiliza o filtro de impurezas, alegando que o custo do aparelho é muito caro. Para ilustrar a situação-problema e falar sobre a poluição do gás carbônico o grupo simulou a fumaça de uma fábrica para que os visitantes pudessem ter a ideia do problema. A aluna Carolina incorporou a personagem Mãe Lucinda, da novela Avenida Brasil, atraindo atenção para a questão dos aterros sanitários.

Através de símbolos norte-americanos, jovens do 1º ano exploraram a cultura dos Estados Unidos para fazer um paralelo entre as referências boas e más vindas do país do Tio Sam. Entre as cores da bandeira dessa nação estavam a indústria cinematográfica, o *fast-food*, o Mickey Mouse, ídolos da música *pop* como Michael Jackson, além de bolas de futebol americano e basquete. A proposta era resgatar a influência que recebemos da cultura dos




nossos vizinhos do norte com seus aspectos positivos: "Por mais que se critique temos que reconhecer que o mundo está globalizado e de lá se exerce forte influência sobre o jovem, algo que tem o seu valor, assim como nós, que também exportamos nossa música", justifica a aluna Helena.

O 3º ano trabalhou com experimentos para demonstrar o funcionamento de termoeletricas e hidrelétricas. "Mostramos algumas fontes de energia e propostas alternativas mais simples, como o calor, a pressão e o vento. O aluno Lucas lembra que, além de informar a comunidade sobre o assunto, as experiências facilitam a assimilação do conteúdo de Física: "Queremos mostrar à sociedade que podemos ser menos dependentes do monóxido de carbono e do petróleo. Os trabalhos práticos facilitam o entendimento das teorias de Física e permitem que a gente compartilhe esse conhecimento".

Elisângela Silva, que leciona Geografia, explorou o tema "Energia sustentável no Estado da Bahia", levando experiências como o Projeto Tamar e o Baleias Jubarte. Segundo a docente, os estudantes se propuseram a estudar a questão da água na região Nordeste, apresentaram procedimentos alternativos de aproveitamento das águas pluviais e homenagearam o escritor Jorge Amado em seu centenário, através da confecção de artefatos temáticos. Propostas de "brincadeiras verdes" fazem parte da vida das crianças desde cedo. As turmas do 1º e 2º anos trabalharam com a temática "Brinquedos e Brincadeiras". A professora Beatriz Scoralick explorou brinquedos antigos e modernos e, com um gancho no folclore, confeccionou alguns objetos com sucata. "Senti que os brinquedos antigos e os artesanais despertam mais a criatividade e a curiosidade das crianças", relatou a docente. No estande dos pequenos as professoras criaram um espaço para os pais se divertirem com seus filhos, onde foram oferecidas atividades como amarelinha, corda, cai não cai, boliche: "Nos dias de hoje os pais não dispõem de muito tempo para brincar com os filhos e proporcionamos esse momento de integração para mostrar como isso é importante na formação do ser humano", conclui.

"Você já salvou o seu planeta hoje?". Com essa provocação Gaio, do 8º ano, alertava para a necessidade de as pessoas pensarem suas ações no seu cotidiano: "Desde a hora em que acordamos, escovamos os dentes, tomamos banho, até as escolhas do transporte para nos deslocar, e na hora em que jogamos o nosso lixo fora, estamos cometendo ações que vão ter consequências sobre o Planeta", lembra Adriana, mãe de Gaio. A turma estabeleceu uma parceria com uma ONG que recicla e reaproveita todo tipo de material. Os alunos levaram alguns produtos construídos a partir de tecnologias verdes, como tijolo feito de matéria orgânica (restos de alimentos), copos de bagaço de cana e varais de *pet*.

A group of children in yellow shirts are sitting on a colorful mat made of interlocking foam tiles. They are playing with various toys made from recycled materials, including a cardboard box, a plastic bottle, and a small wooden structure. One child is holding a smartphone. The scene is set in a bright, open space.

Brinquedos e brincadeiras: Os pais tiveram um espaço para brincar com seus filhos e redescobrir e construir os brinquedos com sucatas: brincadeiras antigas despertavam mais a criatividade

Instituto São José  
Rua Geremário Dantas, 1.124 - Pechincha -  
Jacarepaguá - Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 22760-401  
Tel.: (21) 3392-0926  
E-mail: institutosjose@yahoo.com.br  
Direção: Irmã Maria das Dores  
Fotos: Marcelo Ávila



# Casa de Cultura Oliveira Vianna

Um recanto propício às atividades educo-culturais

Antônia Lúcia

Com seu suntuoso jardim a receber os visitantes, a casa de Cultura Oliveira Vianna é um espaço cujas dependências chamam atenção pelo acervo de livros de autoria de seu patrono – Francisco José de Oliveira Vianna – e de outros escritores, o que constitui parte significativa da história cultural, intelectual e acadêmica brasileira do início do século XX.

No acervo, mais de 15 obras versam sobre temas ligados a organização e funcionamento das sociedades humanas e das leis fundamentais que regem as relações sociais, além dos temas que tratam da origem do homem, sua evolução, características raciais, costumes sociais, ensaios, artigos, manuscritos e vários outros trabalhos.

Nos salões, os mobiliários e objetos pessoais misturam-se à grande produção literária do autor. Entre elas: *Populações Meridionais do Brasil*, volumes I e II; *Pequenos Estudos de Psicologia Social*; *Evolução do Povo Brasileiro*; *O Ocaso do Império*; *O Idealismo da Constituição*; *Problemas de Política Objetiva*; *Formation Éthnique du Brésil Colonial*; *Raça e Assimilação*; *Problemas do Direito Corporativo*; *Problemas do Direito Sindical*; *Instituições Políticas Brasileiras*; *Direito do Trabalho e Democracia Social*; *O Idealismo na Evolução Política do Império e da República*; *Introdução à História Social da Economia Pré-capitalista no Brasil*, entre outros.

Nascido em Rio Seco, município de Saquarema, em 20 de junho de 1883, Oliveira Vianna realizou seus estudos em Niterói e tornou-se bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Além da ativa contribuição intelectual, exerceu atividades docentes, jornalísticas e trabalhistas, tendo atuado também para estabelecer inicialmente as bases da legislação sindical, processo que foi denominado de corporativismo sindical. Como consultor jurídico do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, ajudou na criação da Justiça do Trabalho no Brasil. Na esfera acadêmica, o sociólogo Oliveira Vianna foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de História de Portugal. Esse amplo diálogo social e cultural mantido com a sociedade fez desse notável brasileiro – professor, jurista, historiador e sociólogo – uma das figuras mais ilustres do século XX.

Casa de Oliveira Vianna  
Alameda São Boaventura, 41  
Fonseca – Niterói – RJ  
Cep: 24130-190  
Tel.: (21) 3601-8220  
Entrada Franca





# Arte Viva



Tony Carvalho

**H**á cinco anos, os alunos do Ciep Rubem Braga, em Magalhães Bastos, participam de um projeto que lhes proporciona a oportunidade de vivenciar percepções estéticas e sociais através da arte. Tendo à frente a professora de Educação Artística Márcia Costa, a atividade mobiliza alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e a cada edição interage com outra matéria. Desde o ano passado, essa parceria interdisciplinar vem se estabelecendo com a professora Gleisa dos Santos, de Geografia. Este ano, o projeto teve como fio condutor o tema mangue: arte viva.

Durante as aulas de Geografia, a professora Gleisa iniciou o estudo sobre o manguezal, fazendo os alunos compreenderem que se trata de um ecossistema típico de áreas costeiras alagadas em regiões de clima tropical ou subtropical, desenvolvendo-se nos estuários e na foz dos rios, sendo um berçário para muitas espécies de animais. Aos poucos, as turmas foram descobrindo detalhes da vegetação típica desse bioma e a composição do solo, bastante rico em nutrientes e matéria orgânica, com características lodosas e composto por raízes e material vegetal parcialmente decomposto. À medida que o projeto era desenvolvido, os alunos viram que, por ignorância, até o século passado muitos cientistas consideravam o manguezal uma área insalubre por causa da lama e também um foco de doenças e mosquitos. Com o tempo, esses estudiosos foram descobrindo sua importância para o equilíbrio ecológico. Devido à sua

grande biodiversidade, essas áreas são berçários naturais para aves, peixes, moluscos e crustáceos, constituindo um dos ecossistemas mais importantes do planeta.

Simultaneamente, a professora Márcia estimulava os alunos a desenvolver o pensar e o fazer artístico, pondo em prática ferramentas necessárias ao processo de elaboração e produção de desenhos baseados no tema do projeto. “A proposta foi abordar de forma artística e poética todo o ambiente do mangue. À medida que ampliavam os conhecimentos sobre o assunto, os alunos aprimoravam o olhar e a observação, tornando-se aptos a estabelecer relação entre essa vivência e o conteúdo estético”, afirma a professora.

Ainda no primeiro semestre do ano, os jovens participaram de uma aula de campo em Magé. Lá, com o apoio de biólogos do projeto *Mangue Vivo*, o grupo participou do replantio da vegetação nativa e praticou o trabalho desenvolvido para recuperar regiões de mangue degradadas pela poluição ambiental. Segundo especialistas, essa atividade desenvolvida em Magé é considerada o maior processo de restauração do ecossistema no país. De volta à escola, munidos de uma experiência prática enriquecedora e de um vasto material fotográfico, os estudantes iniciaram o processo de produção artística. Com a professora Márcia, utilizando lápis e papel tipo *caeson*, as turmas começaram a transpor para o desenho tudo que haviam registrado no passeio. Ao mesmo tempo, Gleisa estimulou seus alunos a



Creio que o papel da escola seja o de contribuir na transformação desses jovens, propondo-lhes um novo olhar

Alunos e professores visitaram o mangue de Magé, onde tiveram contato com algumas espécies de animais e com a formação vegetal típica desse bioma

bioma para o equilíbrio ambiental. O mangue tem um solo muito fértil e algumas plantas só nascem lá, sendo

responsáveis por um tipo de fotossíntese que nenhuma outra espécie faz”, ensina. Max William Morais é outro ex-aluno que fez questão de estar presente à exposição dos trabalhos produzidos pelas turmas. Atualmente cursando o segundo período de Artes Visuais na Uerj, ele revela que o gosto pela arte veio das aulas com a professora Márcia. “Lembro de ter participado do primeiro projeto de Artes daqui do Ciep, fato que me influenciou a optar por essa área. Sem dúvida, ele fez a diferença na minha vida”, conta.

Ciep 313 Rubem Braga  
Estrada do Taquaral, 111 – Senador Camará – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21842-550  
Tel.: (21) 2333-5236  
E-mail: cieprubembraga@ig.com.br  
Diretora-geral: Maria da Glória Hentzy Menezes  
Fotos: Marcelo Ávila

Durante a exposição, os alunos explicaram detalhes do projeto aos visitantes



contribuir com a redução da poluição ambiental ao transformar materiais recicláveis em brinquedos e objetos de decoração. “Creio que o papel da escola seja o de contribuir na transformação desses jovens, propondo-lhes um novo olhar”, declara a docente. A diretora-geral Maria da Glória Hentzy concorda e complementa: “O projeto faz com que o aluno saia da mesmice de sala de aula, fazendo-o relacionar a teoria com a prática”.

Emmanuel Costa cursa o 1º ano do Ensino Médio e diz que aprendeu muito com o projeto. Para a exposição ele fez um desenho reproduzindo a vegetação do mangue. Jonathan Gomes e Wendel Matheus Silva, ambos do 7º ano, confeccionaram aviões, o primeiro utilizando papel e o segundo, caixinha de ovos. O ex-aluno Fernando Luiz Gomes participou da exposição com um desenho retratando as espécies que habitam o mangue. Ele se prepara para cursar Biologia e se sentiu à vontade para retratar o tema. “Aos poucos a sociedade vai descobrindo a importância desse



No regime democrático o voto é o instrumento com o qual o cidadão exerce sua soberania ao escolher seus representantes no Legislativo, que fazem as leis, e os governantes, que as executam. Em ano de eleições, discussões sobre o poder do voto e o significado que a política tem na vida de todos também chegam às salas de aula. Os alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Dr. Mário Guimarães, em Nova Iguaçu, durante as aulas de História com a professora Eliane Silveira Gonçalves, tiveram a oportunidade de aprofundar a consciência política através de temas transversais que culminaram com a simulação de um pleito eleitoral com candidatos e partidos fictícios, sendo inclusive utilizada uma urna eletrônica, cedida pelo Tribunal Regional Eleitoral.

Desde março, a professora vem trabalhando questões ligadas à democracia e seu processo de consolidação no país. Os alunos compreenderam como funcionam as câmaras legislativas e as funções que

devem ser desempenhadas pelos vereadores. As turmas foram estimuladas a fazer pesquisas sobre o assunto e realizar debates que contribuiriam para o amadurecimento dos estudantes. O projeto também incluiu uma visita à câmara municipal, na qual os alunos conheceram o plenário, onde as sessões são realizadas, além de outros setores da casa. “A proposta é fazer com que os jovens compreendam a importância do voto e

a necessidade de acompanhar o desempenho do candidato eleito durante o mandato. Os alunos aprenderam como são feitas as emendas para serem votadas e a maneira pela qual o cidadão pode participar desse processo”, justifica Eliane.

Segundo a diretora-geral, professora Cláudia Maria Marques, o projeto desperta no aluno a vocação para exercer a democracia em sua plenitude. Durante a eleição simulada, a aluna do 3º ano Mayara Costa desempenhou o papel de presidente de mesa. Para ela, o projeto ajudou a despertar

Portador de deficiência física, Nicolás Hugo da Silva, aluno do 2º ano, afirma que o projeto contribuiu para a formação de eleitores mais conscientes







A eleição simulada possibilitou que os alunos participassem de todas as etapas de uma eleição de verdade

o interesse dos jovens sobre o assunto. "O voto simulado é uma oportunidade para discutirmos política e criar um espírito de consciência eleitoral. Aprendemos a exercitar a cidadania", resume. Sara Ribeiro, também aluna do 3º ano, tirou o título este ano e pela primeira vez exercerá o direito de voto. "É muita responsabilidade escolhermos nossos representantes. Agora que poderei votar, estou pesquisando bastante para não me arrepender depois. Infelizmente a classe política brasileira vem deixando a desejar", lamenta. Sua colega de turma Alessandra Heindik também votará pela primeira vez e acredita que os brasileiros, de um modo geral, ainda se mantêm distantes do processo eleitoral, o que acaba beneficiando os maus políticos. "Só poderemos contribuir para uma cidade melhor quando aprendermos a exigir dos parlamentares uma postura condizente com a sua responsabilidade", declara.

Para a professora Eliane, em função de tantas notícias divulgadas pela mídia, é normal que muitos alunos tenham uma visão pessimista em relação à política nacional. Contudo, ela acredita que isso também faz parte do processo de amadurecimento e, aos poucos, eles vão percebendo que a única forma de mudar esse quadro é ampliando a consciência política. "Gradativamente, vamos quebrando o pensamento de que nada pode ser feito, e eles aprendem que o voto pode ser um instrumento de transformação. O projeto vem ajudando a despertar uma noção política não



apenas do aluno, mas de todo o núcleo familiar", afirma.

A coordenadora pedagógica Elza Pereira reitera que a escola tem o papel de preparar os estudantes para o exercício da cidadania e, por isso, o projeto da professora Eliane foi bem acolhido por todos. "O valor pedagógico do trabalho é muito grande. Ao conhecer o contexto do mundo político, o jovem

sente despertar em si o desejo de participar, de promover mudanças. E essas transformações começam na família, passam pelo bairro onde ele vive e podem culminar fazendo a diferença em toda a sociedade", conclui.

Colégio Estadual Dr. Mário Guimarães  
Rua João Batista Rodrigues, s/nº – Bairro Maria José –  
Nova Iguaçu/RJ  
CEP: 26260-340  
Tel.: (21) 2660-4011  
E-mail: marioguimaraes63@hotmail.com  
Diretora-geral: Cláudia Maria Marques Somma dos Santos  
Fotos: Tony Carvalho





# Caldeirão cultural

Tony Carvalho

Junte música, poesia e dança à linguagem e adicione exposição de trabalhos, vestimentas, costumes e comidas. Misture tudo e está pronto um verdadeiro caldeirão efervescente, que foi servido pelos alunos do Ciep 244 Oswaldo Aranha, em Magalhães Bastos, à comunidade escolar, que vivenciou diferentes manifestações culturais.

As atividades, coordenadas pelos animadores Valmir Chuva e Fátima Tavares, foram realizadas no pátio e no auditório da escola e envolveram todo o corpo docente. A professora de Filosofia Fernanda Alves trabalhou com quatro turmas do Ensino Médio a encenação da peça “No osso da fala dos loucos tem lírios”, que envolveu poesia, música e expressão corporal, cujo argumento central foi abordar as relações de poder e valores como a moral e a

ética. “Eu fiz uma readaptação de um texto de minha autoria com poesias de Manoel de Barros e Fernando Pessoa”, explicou. A primeira questão foi discutir junto com o elenco a moral, a ética e a política, temas inseridos no conteúdo das turmas do 3º ano. A aluna Thayua-

ne Fonseca participou da dramatização no papel de Apolinária e revelou estar empolgada com o projeto. “A escola tem de promover atividades como essa, que despertem o interesse e o envolvimento dos alunos, além de abrir espaço para que as pessoas de fora possam parti-



Alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio expuseram à comunidade escolar trabalhos, experimentos e instalações





O projeto despertou o interesse dos alunos, que tiveram a oportunidade de vivenciar experiências que ultrapassam os muros da escola e as práticas tradicionais de sala de aula



“... e aprender um pouco com os trabalhos apresentados”, afirma. Ela aproveitou a experiência em teatro para ajudar os colegas a incorporar os personagens.

O professor de Educação Física Glauco Salatino desenvolveu um trabalho envolvendo coordenação motora, arte e movimento para destacar hábitos que interferem na saúde. “Fizemos os estudantes verem que tudo isso está diretamente ligado à qualidade de vida. O projeto foi realizado com alunos das turmas de EJA, que trabalham o dia inteiro

e estudam à noite. Eles aprenderam atitudes simples, mas que poderão mudar suas vidas”, diz. Em outro projeto, foi montado um mural eletrônico, que despertou o interesse dos visitantes. “O resultado foi muito bom, pois uniu tecnologia e interatividade, mas o mais importante foi estimular os jovens a estudar com afinco para que o projeto fosse concretizado”, completa o professor.

Outra atração do caldeirão foi a apresentação de um coral formado por alunos dos ensinos Fundamental e Médio. O grupo vocal brindou o público com um *mix* que misturou o baião de Luiz Gonzaga com outros ritmos que marcaram as décadas de 1980, 90 e 2000. A música também se fez presente na apresentação de um grupo de percussão que interpretou canções de Tim Maia. Já a professora de Língua Portuguesa Elisa Gomes da Cunha desenvolveu um trabalho com turmas do 7º ano a partir de um texto sobre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, importante escultor, entalhador e arquiteto do Brasil colonial. “A proposta inicial foi provocar uma reflexão sobre esse artista que, mesmo com dificuldades físicas, conseguiu criar todas aquelas obras. A partir do texto, começamos a traçar uma analogia com os obstáculos que cada

aluno encontra em sua vida, fazendo-o ver que tudo pode ser superado. Na etapa seguinte, os estudantes fizeram releituras, com *biscuit*, das obras do artista. Depois, foi a vez de abordar a linguagem e o modo de falar característicos do povo mineiro. Com o professor de Matemática, eles trabalharam as questões de medida e proporção, quando se preparou uma receita e as formas geométricas da bandeira de Minas Gerais. Em Ciências, foram trabalhados o clima e a vegetação do cerrado, além dos animais ameaçados de extinção no norte do Estado.

O professor de História, Maurivan do Nascimento Andrade, provocou nos alunos um fervilhar de ideias quando propôs a abordagem da cultura através do futebol. Os jovens fizeram levantamentos históricos dos clubes cariocas, incluindo os do subúrbio como Bangu, Madureira e América. Na área de Física, os estudantes do Ensino Médio apresentaram experimentos que envolveram conceitos de elétrica, eletrônica e gravidade. A diretora adjunta Helenice Barbosa dos Santos acompanhou todas as etapas de elaboração do projeto e faz uma avaliação: “A nossa proposta foi despertar o interesse dos alunos e estimulá-los a ficar mais tempo na escola de forma prazerosa, confeccionando, criando, executando, ensaiando, interagindo entre eles próprios, com os professores e a direção”. Carlos Alberto Mendes dos Santos, diretor-geral, concorda e acrescenta: “Quando esboçamos o projeto, a ideia era balançar a escola e isso foi alcançado. O aluno se envolve quando o professor apresenta algo significativo, que o faz ter interesse em aprender e não mais esquecer”.

Ciep 244 Oswaldo Aranha  
Rua Princesa Leopoldina, s/nº – Magalhães Bastos – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21735-200  
Tel.: (21) 2333-4889  
E-mail: 33106703ciep244oswaldoaranha@gmail.com  
Diretor-geral: Carlos Alberto Mendes dos Santos  
Fotos cedidas pela escola/Luiz Carvalho



# Das adversidades ambientais ao debate qualificado

Sandra Martins

“Nova Aurora: do problema à solução”. Este é o título de um audiovisual que mostra a crua realidade de uma região repleta de adversidades onde está situado o Colégio Estadual Brandão Monteiro, sendo o terceiro bairro mais populoso do município de Belford Roxo. Em cinco minutos, alunos do 7º ano do Ensino Fundamental retratam os problemas cotidianos relacionados à falta de saneamento básico, lixo, reciclagem, poluição, que incidem pesadamente sobre a qualidade e expectativas de vida da população.

O vídeo integrou o rol de ações desenvolvidas no projeto *Educação Ambiental e Saúde*, que culminou com a apresentação, através de várias linguagens – dramatizações, coral, maquetes, cartazes, palestras, debates, mesa-redonda –, do resultado das pesquisas com temas relacionados a métodos contraceptivos, tabagismo, drogas ilícitas, gravidez na adolescência, doenças respiratórias e as sexualmente transmissíveis, entre outros.

...assuntos relacionados diretamente à saúde versaram sobre DSTs, aids, alcoolismo, drogas, dengue, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência.

Inspirados em Guilherme Arantes, autor da música Planeta Água, os alunos evocaram a corresponsabilidade individual nas ações coletivas pelo mundo a partir de hoje





De acordo com o professor Marcos Lugo, a construção de maquetes em projetos pedagógicos facilita a apreensão de conceitos teóricos pelos alunos



A atualidade dos temas buscou provocar reflexões visando a conscientização por mudanças de atitudes em relação ao cotidiano da sociedade local, seu meio ambiente e sua saúde. “A mudança não é fácil, mas possível”, disse Nádia de Almeida Amorim, diretora do colégio, que envolve 1.052 alunos distribuídos nos três turnos. Diversas foram as discussões acerca de problemas ambientais – como a poluição tanto das localidades próximas ao colégio, como no estado e no mundo, além de focos de dengue –, conforme propôs a professora Elaine, de Matemática, ao aliar esta questão à falta de saneamento básico.

Os *banners* e maquetes mostravam a situação de degradação ambiental da região agravada a cada chuva. Para que os debates não ficassem restritos às queixas, os alunos foram instados a pensar de forma propositiva sobre o que fazer com os materiais descartados. Dessa maneira, foram realizadas exposições de artigos reciclados mostrando que a criatividade pode ser, efetivamente, um divisor de águas, conforme afiançaram Telma e Roberta, professoras de Língua Portuguesa. A criatividade imperou: da garrafinha plástica de água e restos de lã ou de linha a aluna expôs um suporte para guarda-chuva envolvido em uma capinha

de crochê; um porta-treco de garrafa *pet*; uma casa de bonecas feita de papelão, entre outros itens.

Ao levar para a turma o tema “Do problema à solução”, sobre a degradação do meio ambiente, Roberta buscou, ao invés de dar sugestões, aproveitar as opiniões dos alunos. “Eles é que trouxeram o debate, falaram do que viam, do que sentiam e sofriam. Daí sugeri que fizessem um vídeo. Toparam na hora”. A professora pediu que eles registrassem – através de fotografia, mesmo que do celular – os estragos ocorridos na região por conta do lixo, das enchentes, da falta de saneamento básico, e entrevistassem moradores antigos, para tentarem entender se houve ou não melhora na região. De posse dos dados e imagens fornecidos pelos estudantes, Roberta montou o vídeo de cinco minutos. Após as correções e aprovação dos alunos, ele foi exibido e as fotos compuseram cartazes expostos no colégio.

Fernanda Sotom, professora de Ciências, trabalhou o tema “Água” a partir de três perspectivas: no corpo humano, na natureza – rios e oceanos – e a escassez. Para isso, propôs a criação de um coral e indicou a música “Planeta Água”, de Guilherme Arantes. Superadas as resistências iniciais e naturais de fazer com que jovens acostumados a

um determinado gosto musical se abrissem para outros estilos, a turma se mostrou bem afinada. No campo da Química, o professor Marcos Paulo Lugo utilizou-se do tema “Petróleo”, matéria a ser dada tanto na prova do bimestre quanto na do Saerj (Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro), e incitou os alunos a desenvolverem pesquisas e a produzirem maquetes e cartazes para exposição.

Os assuntos relacionados diretamente à saúde versaram sobre DSTs, aids, alcoolismo, drogas, dengue, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. De acordo com a aluna Débora, da 3.001, o professor Adilson, de Língua Portuguesa, propôs aos estudantes uma dinâmica de minipalestra e a exposição de cartazes com os dados observados. Para ela, a abordagem foi bastante interessante, por se tratar de um assunto sempre atual e, apesar de a mídia trazer muitas informações, sempre há entendimentos inadequados. Os professores Fillipe, de Educação Física, e Fabíola, de Língua Portuguesa, apoiaram a ideia dos alunos de fazerem um teatro focalizando a questão das drogas. Os jovens se transformaram em atores vivenciando os dramas e angústias de usuários de entorpecentes.

Para tratar da gravidez na adolescência e dos métodos contraceptivos recorreu-se a dramatizações e ao “jogo dos meses”, atividade que consiste em 18 cartas: nove com desenhos indicativos do estágio da gravidez e nove com perguntas relativas às características do mês da gestação. Em um minuto a pessoa teria que identificar a figura relativa ao período conforme a pergunta.

A linguagem teatral também foi trabalhada pelas professoras Denise Cristina, de Biologia, e Rebeca, de Espanhol. Na primeira, os jovens discutiram os métodos contraceptivos, tentando esclarecer questões como: será



que a camisinha tem 100% de efetividade? Entretanto, uma jovem gestante afirma que não, pois teria engravidado usando uma. Na realidade, ao longo da peça os alunos-atores informavam que não há meio contraceptivo totalmente seguro – tabela, método da ovulação, temperatura, camisinha, preservativo feminino, diafragma, espermicida, DIU, pílula, ligadura de trompas, vasectomia. Todos apresentam vantagens e desvantagens e são mais seguros quando usados corretamente.

Outra peça mostrava o drama de uma adolescente que descobriu estar grávida do namorado. Como falar com a mãe? Qual seria a reação do pai da criança? Como a escola a trataria? Tais angústias, segundo Rebeca, devem ser abordadas com todo cuidado, com muito debate e responsabilidade, para evitar a banalização de uma situação que pode vir a se tornar realidade. Durante as apresentações do projeto, os alunos foram avaliados pelos professores que atribuíam notas pelo conteúdo, criatividade, linguagem, organização e recursos materiais. Os resultados, segundo a diretora Nádia, foram bastante satisfatórios. Para ela, instalar discussões qualificadas foi também a intenção do projeto, pois todos os temas tratados integram a realidade de seus estudantes, desde a gravidez na adolescência até as demandas por saneamento básico na região.



Colégio Estadual Brandão Monteiro  
Estrada Itaipu-Babi, s/nº – Nova Aurora –  
Belford Roxo/RJ  
CEP: 26127-170  
Tel.: (21) 2785-1220  
E-mail: larc\_26@yahoo.com.br  
Direção-geral: Nádia de Almeida  
Fotos: Tony Carvalho





# Um benefício em prol da saúde

Este ano, o programa Saúde 10 já visitou cerca de 30 instituições de ensino, dentre as quais está a Escola Municipal Benevenuta Ribeiro, no Méier, onde Jaqueline Basques e Lucimar do Carmo, professoras respectivamente de Ciências e Língua Portuguesa, participaram da palestra e aprovaram o conteúdo. “Sou associada e sei que a Appai tem essa preocupação com a saúde. Gostaria muito de que esse serviço fosse periódico, pois muitas pessoas seriam beneficiadas”, diz Jaqueline, demonstrando entusiasmo em poder contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos alunos a partir dos conteúdos apresentados pela equipe multidisciplinar do Saúde 10, que vão desde a maneira correta de se sentar até a relação entre doença periodontal e diabetes, passando pelo controle do estresse.

Para as escolas interessadas, a equipe do Programa Saúde 10 avisa que está à disposição para orientações na área de saúde. Para ter a presença do programa em sua instituição, basta entrar no sítio da Appai ([www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)) e acessar a área do “Benefício Saúde 10”. Ou então enviar um *e-mail* para [saude10@appai.org.br](mailto:saude10@appai.org.br), com dados da escola e contato, para que seja feito o agendamento.



## Aviso importante

Lembramos que o benefício médico da APPAI é coletivo e exclusivamente na segmentação ambulatorial, não disponibilizando cobertura hospitalar e/ou internação. Logo, orientamos que não se procure as unidades médicas para esse fim, já que elas só podem realizar pela Associação o atendimento ambulatorial. Qualquer tentativa nesse sentido prejudicará bastante a relação da Appai com os profissionais colaboradores (hospitais e/ou centros clínicos), havendo o risco de que se desfaça a parceria, sem que a Associação possa evitar, num prejuízo para todo o quadro associativo.

Assim, os associados que não disponham de plano hospitalar, através da parceria opcional da Associação ou de outro particular, deverão procurar diretamente o sistema público de saúde para os atendimentos hospitalares e/ou de internação, evitando, desta forma, que as unidades médicas cobrem pelos serviços que lhes foram prestados, bem como evitando o risco de que o ambiente de atendimento procurado não seja o adequado para o atendimento hospitalar ou internação.

# Música Popular Brasileira

Feira Literária desperta criatividade dos alunos

Claudia Sanches

Quando pensou a *Feira Literária*, a proposta da professora Maria da Graça dos Santos era despertar o interesse dos alunos pela cultura e literatura, além de apresentar a produção dos estudantes à comunidade. Mas os resultados do empreendimento superaram o esperado. O projeto foi uma oportunidade de conhecer mais a cultura brasileira, descobrir novas realidades e histórias e transformar o modo de perceber o mundo.

Desenvolvido com estudantes do Ensino Médio, o tema da feira esse ano, a segunda edição, foi *Compositores da Música Popular Brasileira*. Segundo a professora de Língua Portuguesa Kátia Helena, a abordagem para o começo dos trabalhos já foi considerada uma superação, quando educadores e educandos se engajaram na atividade: "Ao apresentarmos o tema nosso desafio foi quebrar o preconceito em relação a autores e obras do passado. Com o conhecimento das músicas e do conteúdo das letras essa dificuldade foi deixada para trás", conta a docente. Os estudantes escolheram autores de todas as gerações e tipos, desde Lamartine Babo e Caetano Veloso até as bandas dos anos 1980. As tarefas com o tema foram desenvolvidas ao longo do ano letivo.

Os jovens se dividiram em equipes com a função de pesquisar a biografia, obra, momento histórico e social em que se inserem os artistas, ritmo, análise das letras, influências que receberam e exerceram sobre a sociedade. Essa fase do projeto foi bastante produtiva, segundo Kátia, porque desenvolve a curiosidade natural dos jovens: "Eles ficaram tão motivados com as pesquisas que a feira entrou para o calendário escolar".

Na sequência os alunos partiram para a criação dos trabalhos em sala de aula, painéis, apresentação de bandas, poesias, danças e dramatizações. Cada grupo teve liberdade para manifestar sua visão do artista. Para Maria da Graça a criatividade foi o que mais se destacou no projeto. "Eles precisavam dessa oportunidade para conhecer realidades diferentes, criar e recriar. A feira literária fez com que nossos alunos se interessassem em conhecer os compositores atuais e os de outras épocas, o que permitiu descobrir muitos talentos adormecidos".

Na culminância a escola era o cenário de um centro cultural, e cada turma dividiu com os visitantes um pouco do que descobriu nas pesquisas: imagens que remetiam aos músicos, além de vários vídeos. Alguns alunos interpretaram o próprio artista e levaram o espectador a conhecer sua trajetória através

"A feira literária fez com que nossos alunos se interessassem em conhecer os compositores atuais e os de outras épocas, o que permitiu descobrir muitos talentos adormecidos"





O poder da música: a experiência valoriza a cultura popular brasileira, estimula a solidariedade na escola e é suporte para aprendizado de outras disciplinas, como História e Língua Portuguesa

dos estandes. As apresentações de dança, com as caracterizações, indumentárias, figurino e *performances* foram baseadas nas ideias dos próprios alunos inspirados no material encontrado. Segundo Graça, o trabalho mobilizou o máximo de pessoas da comunidade escolar, e houve momentos marcantes, como a emoção de muitos pais e mães que se embalsaram com os resgates que os jovens realizaram das décadas de 1980 e 90.

A iniciativa mexeu com a rotina e transformou a escola em um ambiente mais alegre e solidário. Kátia Helena ressalta que a variedade e riqueza de estilos sensibilizaram os alunos e permitiram que eles valorizassem a cultura popular brasileira, além de despertarem seu potencial de criação: "A feira surgiu da necessidade de apresentar os trabalhos desenvolvidos durante o ano em Língua Portuguesa.

Foi gratificante ver os estudantes falando sobre aquilo que aprenderam em conjunto. A experiência foi muito bem-sucedida porque eles se organizaram, as ideias surpreenderam e a cultura que adquiriram passou a fazer parte da formação como cidadãos".

O aluno Raphael Rosa confirma a importância que o trabalho teve na vida da garotada, que relacionou a música ao contexto histórico do país: "Cada turma falou sobre um cantor ou banda de diferentes gerações; pude perceber o valor que a música brasileira tem e a sua influência na cultura e no passado do nosso povo. A aceitação foi grande entre todos os participantes, e foi muito bom trabalhar com assuntos do nosso dia a dia".

Colégio Estadual Álvaro Negromonte  
Rua Frei Caneca, 98 – Jardim Gramacho –  
Duque de Caxias/RJ  
CEP: 25056-070  
Tel.: (21) 3651-0968  
E-mail: [dabilio@prof.educacao.rj.gov.br](mailto:dabilio@prof.educacao.rj.gov.br)  
Direção: Denize Sousa Abílio  
Fotos cedidas pela escola





# Meu Brasil “Brazileiro”?

Sandra Martins

O que é ser brasileiro numa terra em que a miscigenação é propagada como produto exportação? Como esta mistura de cores, cheiros, gostos, gestuais, comportamentos, historicidades, jeitos de ser e de pensar se entrelaçam, ou não, neste país de dimensões continentais? *Meu Brasil “Brazileiro”?* foi o tema central da 8ª Gincana Cultural 2012 do Ciep Brizolão 175 José Lins do Rego, no município de São João de Meriti.


A tradicional atividade coordenada por Aldair Ventura, professor de História da Arte, é exclusiva para as cinco turmas do segundo ano do Ensino Médio. Não fazendo da exceção uma regra, é permitida a participação de veteranos do terceiro ano e de alguns alunos do Ensino Fundamental, que atuam ora despedindo-se do espaço fraternal, ora ensaiando os primeiros contatos com os “mais velhos”, não como competidores, mas expondo seus talentos artísticos.

O ambiente – quadra de esportes no terraço – estava totalmente decorado, de um lado, com barracas, locais de degustação, exibição de vídeos, mesas de jogo de carteadado e de música. De outro, o espaço central para as apresentações musicais e de dança. Tudo sendo atentamente observado pelos professores-jurados, que analisavam se todos os competidores conseguiram desenvolver os projetos artísticos culturais a partir do tema central, tendo que apresentar obrigatoriamente aspectos que influenciaram a cultura brasileira, tais como: indígena, portuguesa, africana, norte-americana, europeia e oriental.

De acordo com a diretora adjunta, professora Tereza Cristina Franco Rodrigues, a ideia do projeto era dar liberdade aos alunos para criar sua própria metodologia, tendo como fio condutor a pesquisa orientada pelo professor Aldair e outros que a turma viesse a solicitar. Cada projeto deveria responder uma questão central: O que é e como é ser brasileiro?, a partir de itens como Culinária (receitas e pratos, temperos e misturas), Danças (o movimento e sua origem, danças em geral), Costumes (influências de comportamentos e hábitos), Cultura Histórica (linha do tempo, do descobrimento aos







No projeto, o espírito do trabalho coletivo é estimulado, assim como o diálogo geracional, daí as participações especiais dos veteranos do 3º ano e dos futuros calouros do Ensino Fundamental

dias de hoje) e aspectos sociais e filosóficos, além da sustentabilidade. A comissão julgadora, composta por professores, pontuaria as tarefas executadas pelos grupos – dança, culinária, teatro, música, vídeo ou fotografia, pintura, lembrança (para a comissão julgadora), decoração da barraca, identificação (identidade visual) e literatura.

Na dança, por exemplo, os alunos deveriam pesquisar o que eram coreografia, movimento, a origem dessa arte e seus vários estilos. No teatro, como surgiu essa atividade no Brasil, autores nacionais, cenários, figurinos, técnicas cênicas. A decoração das barracas, a montagem, a ambientação espacial, o tema e o material também eram critérios a serem pontuados. Além, é claro, da criatividade, que foi, por sinal, um item presente em tudo, a começar pelas camisetas que identificavam as turmas, todas personalizadas com fotos, desenhos ou grafismos.

No vídeo de 16 minutos, produzido pela turma 2.002, moradores de São João de Meriti e o prefeito da cidade são entrevistados com o propósito de apresentar diferentes formas de ouvir do povo brasileiro, o amor que as pessoas têm pelo país e pelo lugar onde vivem. O aluno Iago Menezes explicou que, antes de irem a campo, fizeram várias pesquisas na única biblioteca da cidade e em vários *sites* na Internet. Definiram o roteiro de perguntas e foram buscar os moradores mais antigos até chegar ao prefeito, que foi bastante receptivo com a proposta de dar seu depoimento sobre a cultura da região. Registraram imagens da biblioteca, da Igreja Matriz, de Vilar dos Teles, do Jardim Íris, da Prefeitura e do Grêmio Recreativo Praça da Bandeira. Conversaram com várias pessoas, entre as quais um feirante que mora no município há mais de 30 anos.







A rica diversidade cultural e étnica que compõe o mosaico identitário brasileiro transparece, com criatividade, em toda a produção dos alunos

No quesito culinária, a turma 2.003 mostrou que nossa cozinha é repleta de pratos típicos de muitos lugares do mundo, mas nós empregamos nosso “jeitinho brasileiro” em quase todos. Entre eles estão o hambúrguer alemão, aperfeiçoado pelos norte-americanos; o *hot dog*, que parece ter vindo dos EUA; o *french fries*, ou melhor, a batata frita, de origem belga, francesa e espanhola; além do brigadeiro, verdadeira paixão nacional.

A turma 2.001 resolveu que deveria tratar de um tema caro à sociedade brasileira, a questão do racismo nos dias atuais, e aí criou o texto “A escravidão continua”. “Resolvemos abordar no teatro a questão racial, pois algumas pessoas parecem querer que esse absurdo continue, tanto envolvendo negros quanto brancos, para assim continuarem a lutar para mostrar qual ‘raça’ é melhor. Mas se esquecem de que todos se tornam iguais quando são tratados como iguais”.

Com uma blusa branca chapiscada com tinta colorida, a turma 2.004 fez o retrato “de um brasileiro que marcou a história de nosso país: Santos Dumont”. E, no quesito dança, a vez foi do samba, por se tratar de um estilo essencialmente brasileiro, marca da cultura do país. Pesquisando a MPB, a turma da barraca “Alegria do Brasil, Boteco 2.005” descobriu que esta expressão musical surgiu no período colonial brasileiro, a partir da mistura de vários ritmos. Entre os séculos XVI e XVIII, entrelaçaram-se em nossa terra as cantigas populares, os sons de origem africana, as fanfarras militares, músicas religiosas e eruditas europeias, além das indígenas

com seus típicos cantos e sons tribais. A música “Tempo Perdido”, de Renato Russo, foi a escolhida por mostrar que não se deve ter medo do escuro – irracional e violento –, o que contradiz o trecho anterior, que pede para que sejam deixadas as luzes – razão e inteligência – acesas, isto é, mantenha-os vivos e úteis, desde já até o advento do poder.

A cada número de dança, desfile de modas (recicladas, regionais, inspiradas no carnaval), quase musicais, os “artistas” eram ovacionados pela plateia, composta de alunos e professores. A animação era contagiante, principalmente as participações especiais dos estudantes veteranos – como a do bailarino em fase de profissionalização Nilton Ferreira, que apresentou um solo de dança contemporânea –, e o pessoal do Ensino Fundamental – como Júlio Juliano Martins, que arrancou aplausos com seus passos de dança *Techno*. Orgulhoso pelo bom desempenho de todos os alunos, independente se competindo ou mesmo expondo seus talentos, a ideia é fazer com que todos pesquisem, criem, realizem ações envolvendo a arte, pois ela representa tudo o que o homem constrói.

Ciep Brizolão 175 José Lins do Rego  
Rua Juparaná, s/nº – Parque José Bonifácio –  
São João de Meriti/RJ  
CEP: 25565-380  
Tel.: (21) 2699-0039  
E-mail: cieprizolao175@gmail.com  
Diretora adjunta: Fátima Loureiro Lima  
Fotos: Tony Carvalho





## **Desafios na formação do educador – Retomando ao ato de educar**

Ruy Cezar do Espírito Santo

Editora Ágora – Tel.: (11) 3872-3322

Neste livro, o autor explica que a questão da disciplina e dos limites não pode ser encarada pelo viés da punição. Segundo ele, o mau comportamento quase sempre esconde um pedido de ajuda por parte do aluno.

## **A escola que (não) ensina a escrever**

Silvia M. Gasparian Colello

Summus Editorial – Tel.: (11) 3862-3530 r 127

De acordo com a autora, a obra é um importante referencial para compreender e superar concepções reducionistas e vícios das práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da língua escrita.



## **Boaventura Cardoso – Um (re)inventor de palavras e tradições**

Renata Souza da Silva

Arquimedes Edições – Tel.: (21) 2253-3879

Neste livro Renata mostra um olhar de combate ao colonialismo português, além de efetuar uma releitura das religiosidades e dos mitos ressignificados e reinventados pela ficção de Boaventura Cardoso, os quais estão presentes na obra dele e na sociedade angolana.

## **As abotoaduras do gigante**

Reconto de Julio Emilio Braz

Cortez Editora – Tel.: (11) 3864-4290

Recontada por Julio Emilio Braz, o clássico infantil retrata a alegria e a tristeza de um homem simples ao encontrar um grande tesouro. Leia e descubra o motivo pelo qual um simples par de abotoaduras pode mudar drasticamente a vida de uma pessoa.



## **Educação sonora e musical – Oficina de sons**

Silvio Costa

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Educação sonora e musical – oficina de sons vai tratar dos princípios para uma boa audição, com o objetivo teórico e prático de aprimorar a educação para a música. Nele, o autor segue o conceito construtivo envolvendo o corpo, os instrumentos e seus ritmos básicos.

## **Eleições no Brasil**

Jairo Nicolau

Editora Zahar – Tel.: (21) 2108-0808

O autor percorre a trajetória do Império aos dias atuais, passando pela Primeira República, o Estado Novo e o regime militar. Em cada período abordado, perguntas orientam a leitura. Cada uma delas vai sendo respondida, através da montagem de um panorama completo da história do voto no Brasil.



## **Neurociência e educação – Como o cérebro aprende**

Ramon M. Cosenza e Leonor B. Guerra

Editora Artmed – Tel.: 0800 7033444

Este livro fala do cérebro, responsável pela forma como processamos as informações, o nosso conhecimento e o comportamento. Assim, compreender seu funcionamento, seu potencial e as melhores estratégias para favorecer seu pleno desenvolvimento é o foco principal de estudo dos profissionais da saúde mental e de Educação.

## **O que você vai ser quando crescer?**

Dinah Salles de Oliveira – coord. Januária Cristina

Editora Moderna – Tel.: (11) 2790-1300

O objetivo deste livro é ser um roteiro de pesquisa que mostre a multiplicidade de áreas de interesse e ajude os jovens a buscar informações, a questionar e discutir o assunto “trabalho e empreendedorismo” muito antes da escolha profissional.





# O poder da Matemática

A utilização de jogos na educação matemática

Claudia Sanches

“Somando forças, subtraímos fraquezas; multiplicamos forças, dividimos resultados.”

Ana Paula Pereira é professora de Geografia na Escola Municipal Prefeito Abeilard Goulart de Souza. Mas, apesar de sua formação, atualmente o seu maior desafio é mostrar que a Matemática não é um bicho-papão ou “coisa para gênios”, mas sim uma ferramenta presente no pensamento científico e nas coisas mais básicas do dia a dia. Uma das coordenadoras da *1 Feira de Matemática* do colégio, Ana se empolga ao falar do trabalho. Para ela, o projeto fez muito sucesso com a clientela por mostrar essa matéria de forma interdisciplinar através de jogos. Essas atividades abrem a cabeça dos alunos para posturas fundamentais à aprendizagem de qualquer conteúdo. O objetivo é despertar a curiosidade e o interesse para a disciplina através das competições.

“Temos que desmistificar que não se trata de um saber para poucos. É uma ciência fundamental para desenvolver concentração, organização e união, além de ser uma habilidade aprendida. Em um sinal de trânsito, como em tabuleiros de dama ou trilha,





Um dia de aprendizado e diversão: a banda, uma das grandes surpresas para a comunidade, tornou o evento da escola mais divertido

precisamos de qualidades como atenção e raciocínio para traçar as estratégias ou tomar decisões. Posturas que eles vão levar para suas vidas quando precisarem fazer escolhas mais complexas”, justifica.

Segundo a diretora do colégio, Marina Belo, a feira é um facilitador porque os estudantes buscam alternativas para resolver questões de sala ou do seu cotidiano. Cada turma trabalhou a disciplina aplicada aos jogos e tarefas: “Eles trouxeram a realidade para a escola e perceberam sentido naquelas teorias”, diz Marina.

O projeto surgiu a partir do programa *Mente Inovadora*, iniciativa da prefeitura, que capacitou os educadores para trabalhar a matéria nas escolas de Itaguaí. A resposta da garotada foi tão positiva que Marina decidiu realizar o evento a pedido das turmas. “Os estudantes começaram a trazer experiências de fora de sala e começamos a resgatar as situações para ajudar no ensino do conteúdo”, conta.

A I Feira rendeu grandes surpresas para docentes e estudantes, como a apresentação da peça “O homem que calculava”, baseada no livro homônimo do escritor Malba Tahan. O autor conta a história de uma soma que parece impossível, prova de que o conhecimento não tem fronteira, já que invadiu a literatura e as artes cênicas. Os alunos concluíram que números e criatividade podem andar de mãos dadas.

Na pré-escola os docentes exploraram formas geométricas, jogo de amarelinha e atividades a partir da canção “A galinha Magricela”. A professora Eliane Araújo, do 1º ano, explorou jogos de trilha, as pipas e o tangran. “As crianças se identificam muito com as formas”, diz a docente.

Nas turmas de 3º ano o objetivo era trabalhar a noção de peso e o sistema monetário. Para isso foi criada a “Ferinha do Abeillard”, que tornou a aprendizagem do conteúdo mais prazerosa e fácil. A pequena Carol interagia com os visitantes, vendendo frutas, calculando o troco. “Trabalhamos as situações que eles mais vivenciam na hora de ajudar as mães a fazer compras no mercado, no sacolão. Todos gostaram muito da experiência”, garante a professora Ana Carla.





## Números e saúde

Em Saúde e Matemática as crianças do 5º ano trabalharam as fórmulas do Índice de Massa Corporal, o IMC. João Pedro explicava o seu conceito e colhia os dados dos visitantes, enquanto Matheus fazia os cálculos para ver se as medidas estavam dentro dos padrões considerados normais. Tamires mostrava os números da pirâmide alimentar, fazendo conexão das ciências exatas com as biológicas: "Nunca iria imaginar que alimentação tinha a ver com Matemática", revelou Rayan. Para conclusão do trabalho os estudantes apresentaram um vídeo, a TV Abeilard, com o programa "Matemática é saúde", que falou sobre a importância da atividade física e da alimentação equilibrada, além de sobrepeso, obesidade e doenças afins: "A Matemática é essencial à vida", concluiu a aluna Islene.

O grande desafio foi mostrar que os jogos trabalham a concentração, raciocínio lógico, espírito de equipe, atitudes fundamentais para assimilar melhor os conceitos matemáticos



O também professor da matéria, Francisco de Assis, e as equipes do 9º ano simularam métodos científicos e realizaram experiências transformando energia mecânica em elétrica e simulando geração de energia eólica. "É uma forma de propor uma educação científica e de desenvolver o raciocínio lógico, que passa por todo um processo da descoberta", lembra o docente.

## Jogos e raciocínio lógico

Para desenvolver cálculos mentais e tabuada o 7º ano organizou competições em dupla para os visitantes. Os participantes que respondiam mais rápido à provocação ga-





A Matemática está em tudo: no dia a dia dos mercados, no pensamento científico, na alimentação e saúde e também nas formas



nhavam um prêmio. Para explorar expressões numéricas, conteúdo que introduz a equação, os alunos desenvolveram jogos para trabalhar com positivos e negativos que facilitavam a assimilação da matéria. O Xadrez Interativo também chamou atenção: os próprios participantes integravam um tabuleiro gigante. O jovem Thiago explicou um pouco sobre a história e a lógica do antigo jogo e falou sobre as estratégias e necessidade de atenção para mover as peças. O boliche da equação, com os números embaixo das peças, tinha o objetivo de fixar conceitos de incógnitas e Algarismos negativos. Na disputa, os alunos derrubavam as peças, olhavam os cálculos, e quem resolvia as expressões de forma mais rápida era o vencedor da partida.

No Jogo dos Desafios a equipe do 7º ano convidava as pessoas a realizar diferentes tipos de cálculos para uma mesma questão de multiplicação. "Percebemos os vários

tipos de raciocínios e formas de se chegar às respostas, e todos são valorizados. Os participantes ficam estimulados a pensar e, como é uma "brincadeira", todos trabalham juntos e não sentem vergonha de participar e errar as respostas. São várias cabeças atuando juntas, o que enriquece o processo de aprendizagem e cria uma vontade de querer entender o funcionamento dos cálculos", acredita Francisco. O professor Márcio Inácio, do 5º ano, lembra que os jogos também ajudam na socialização e é possível levar o espírito de competição para o lado positivo: "Os desafios estimulam a união, já que os objetivos são compartilhados". A atitude de Lucas, do 4º ano, reflete esse espírito de conduta durante o jogo de dominó: "É muito importante a concentração na hora das jogadas. Quando o amigo perder não devemos rir ou debochar, mas sim parabenizar pela sua participação", finaliza.



Escola Municipal Prefeito Abeilard Goulart de Souza  
Rua Jonas Pereira, s/nº – Parque Paraíso – Itaguaí/RJ  
CEP: 23815-100  
Tel.: (21) 2688-5267  
E-mail: escolaabeilardgoulart@yahoo.com.br  
Direção: Marisa Belo  
Fotos: Tony Carvalho





# Associando bem-estar e qualidade de vida

Antônia Lúcia

**E**m seus quase dois anos de atividades esportivas a equipe Appai BemViver de Caminhadas e Corridas tem tido um trajeto de sucesso entre seus integrantes, bem como aos olhos dos adeptos do esporte. A cada prova, mais associados aderem a essa iniciativa que alia interação e incentivo à prática esportiva como prevenção da saúde a uma melhor qualidade de vida. Esse ano, já foram mais de 8 mil professores correndo e caminhando nas mais de dez provas realizadas ao longo de 2012.

Nesse período, a equipe BemViver acumulou quilômetros de histórias, confraternizações e realizações. Entre elas, a inauguração dos seis primeiros polos de treinamento - Ilha do Governador, Deodoro, Niterói, São Cristóvão, Botafogo e Bangu - cujo objetivo é facilitar o acesso dos associados e beneficiários dando a eles mais qualidade nos treinos e nas atividades físicas.

De acordo com os participantes do Benefício BemViver, um dos principais diferenciais dessa equipe é a preocupação com a estrutura oferecida aos participantes. "Aqui não há separação entre amadores, caminhantes e atletas profissionais. Somos todos tratados da mesma forma, isso é muito bacana. Nos estimula a estar em todas as provas", garante o associado avisando que pretende fechar o ano com chave de ouro, por isso já se inscreveu na corrida do Circuito Light Rio Antigo - Etapa Cinelândia, no próximo dia 9 de dezembro.











# Pôr em cena

Clássicos da literatura infantil são protagonistas em projeto pedagógico

Marcela Figueiredo

Clássicos Chapeuzinho Vermelho, Patinho Feio e Pinóquio.

Conhecidos no mundo inteiro por fazerem a imaginação das crianças voar alto, os personagens João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, Patinho Feio e os Três Porquinhos voltaram a fazer parte do dia a dia dos alunos da Escola Municipal Orlando Francisco, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Desde o início do ano letivo, o orientador pedagógico da escola e os professores das turmas do primeiro ao terceiro anos trabalham temas como extinção, diferença, respeito, obediência, meio ambiente e hábitos alimentares a partir das histórias dos clássicos da literatura infantil.

O objetivo seria resgatar valores, intensificar o processo de alfabetização e, ao mesmo tempo, tornar as aulas mais ricas e prazerosas. “Esses livros apresentam a capacidade de despertar o interesse pela literatura e fazer com que os alunos tenham uma alfabetização rica e contextualizada”, justifica Roseane Gomes, diretora adjunta da escola. O projeto foi um passo importante também para fazer com que eles tivessem acesso a esse tipo de leitura.

Segundo os educadores, alguns clássicos eram desconhecidos dos estudantes. “Muitos até já tinham ouvido falar dos personagens e dos títulos, mas ignoravam o enredo das histórias”, conta Roseane. Logo que começaram a fazer algumas perguntas para pré-selecionar os títulos que seriam trabalhados, perceberam que a dificuldade de acesso a esses livros era o principal motivo do desconhecimento. “Algumas crianças diziam que os pais não tinham tempo para ler com elas, enquanto outras não tinham livros em casa”, completa a educadora.

Ao identificar tal problema, a equipe docente decidiu que os clássicos da literatura infantil seriam levados aos alunos. Como a escola não possui um espaço para que os estudantes acessem o material de apoio pedagógico, uma das ações do projeto foi a Biblioteca Itinerante: uma estante com diversos títulos, que passa por várias salas de aula durante a semana.







Clássico Três Porquinhos

O tempo que cada obra é trabalhada também depende do grau de dificuldade encontrado pela turma. Cada história pode demorar de quatro a oito semanas em cada sala de aula.

O projeto foi levado para a escola através da professora Solange Matos, que atualmente leciona para alunos do primeiro ano. Hoje, por meio dos clássicos da literatura infantil, docentes de diferentes segmentos despertam a atenção dos estudantes para valores muitas vezes esquecidos e fazem dos pais aliados no processo de alfabetização e letramento dos educandos.

Outra ação importante foi o trabalho desenvolvido com os pais: eles passaram a ser convidados para participar da culminância dos projetos. Para a professora do terceiro ano, Kátia Pereira, a presença dos responsáveis é imprescindível no processo de letramento. "Realizar esse tipo de atividade requer tempo e dedicação. Nós precisamos que a família se envolva e, ao fazermos um trabalho diferenciado, atraímos os pais e estimulamos a que eles participem mais intensamente da rotina escolar", afirma Kátia.

A seleção dos títulos levou em consideração os temas que os profissionais de educação consideraram mais adequados. Além de abordar o enredo de cada história, os professores utilizaram livros para desenvolver o reconhecimento de letras, sílabas, palavras e gêneros gramaticais. Trabalharam também a coordenação motora e a criatividade com os alunos mais novos. Já os educandos do terceiro ano foram orientados a adaptar o texto e criar um final diferente para a história.

Apesar de, na maioria das vezes, serem utilizados os mesmos livros nas diferentes turmas, os exercícios neles baseados se tornam mais complexos dependendo da série.



Clássico João e Maria na casa de doce com a Bruxa Malvada

Escola Municipal Orlando Francisco  
Rua José Antonio Nohra, 24 - Agostinho Porto - São João de Meriti/RJ  
CEP: 25545-330  
Tel.: (21) 2650-2088  
E-mail: emorlandofrancisco@hotmail.com  
Direção: Nilcenéa Marinho  
Fotos cedidas pela escola

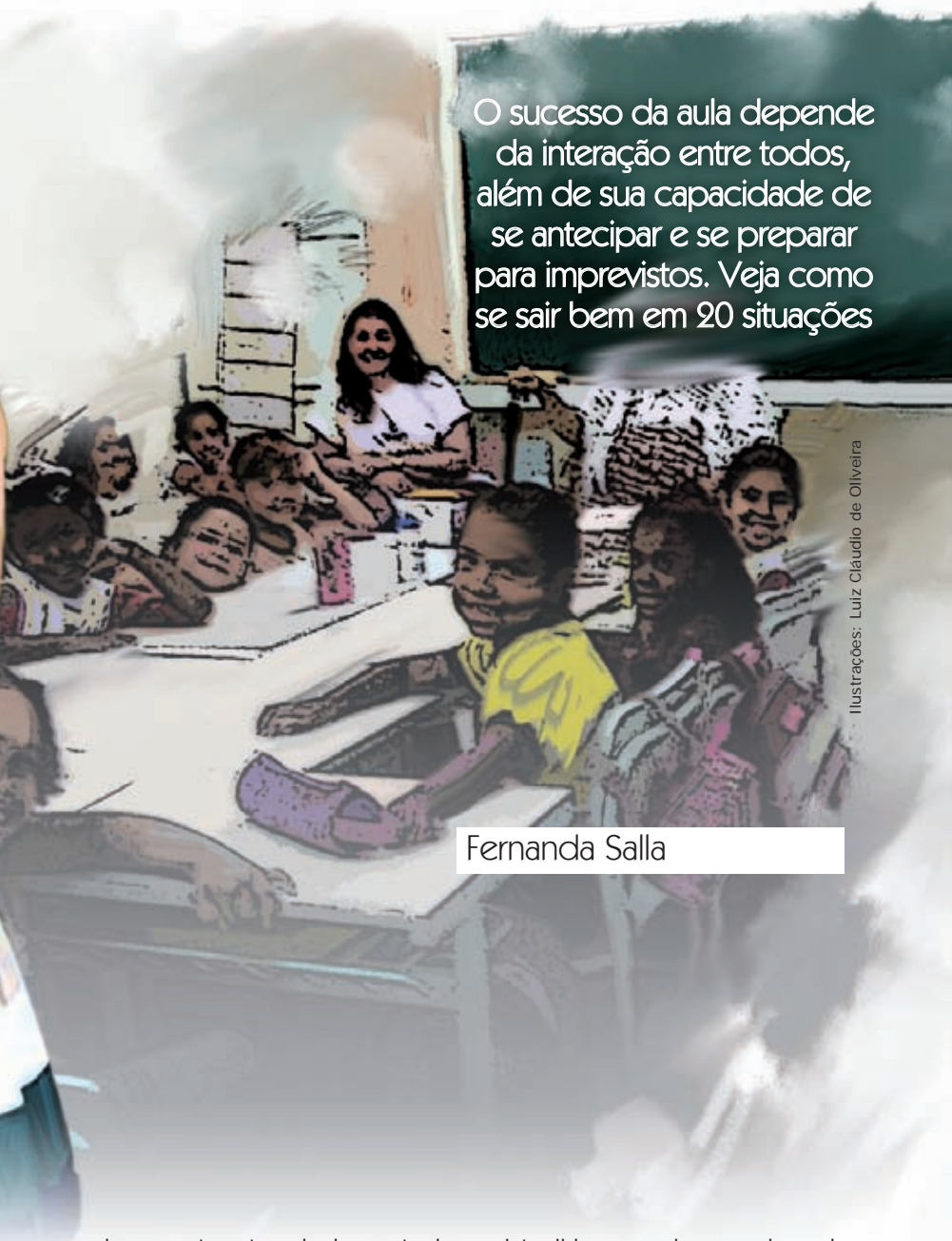




# Você seguro em classe



O sucesso da aula depende da interação entre todos, além de sua capacidade de se antecipar e se preparar para imprevistos. Veja como se sair bem em 20 situações



Ilustrações: Luiz Cláudio de Oliveira


Fernanda Salla

Como você se sente na hora em que abre a porta da sala e entra para dar sua aula? Confiante ou apreensivo? Quem leciona sabe que a tensão vem quando não se está bem preparado. O planejamento é um pré-requisito para o seu trabalho, não há dúvida. Mas, na hora de colocá-lo em prática, o que fazer se um aluno não entende o que você pediu? E se faltou tempo para terminar a tarefa? Pior: se as crianças começam a brigar? Nem os educadores experientes estão livres de momentos como esses. “Ter uma boa gestão da sala de aula ajuda a contornar problemas desse tipo. O professor

tem de dar conta do previsto, lidar com o inesperado e administrar a rotina para que todos aprendam”, diz Rosaura Soligo, coordenadora de projetos do Instituto Abaporu de Educação e Cultura, em Salvador.

No livro *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza* (208 págs., Ed. Artmed, tel. 0800-703-3444, 60 reais), Philippe Perrenoud diz que as particularidades da sala de aula levam o professor a enfrentar uma série de impasses sobre como atuar e precise manter o equilíbrio entre fazer o planejado e não reprimir os alunos. “Esses dilemas não conseguem ser totalmente superados pela experiência nem





pela formação. No entanto, a consciência de que eles ocorrem ajuda a conviver com a complexidade!”. O sucesso do ensino depende de vários fatores, como a interação entre as crianças e a relação delas com você e com o saber. Para planejar levando em conta a personalidade e o nível de aprendizado de cada um, é preciso observar, fazer diagnósticos e analisar a produção deles com frequência.

“Toda semana troco impressões e estratégias com os colegas que são ou já foram professores da minha turma e com os gestores”, conta Carla Jandrey, professora de Matemática, Física e Química do 9º ano da Eef Sagrada Família, em Santa Cruz do Sul, a 150 quilômetros de Porto Alegre. Informações valiosas como as levantadas por Carla servem de base para pensar nos objetivos de aprendizagem e elege projetos e atividades desafiadores para todos.

Outra vantagem de conhecer bem a turma é conseguir antecipar situações que podem surgir durante a aula. Assim, você já leva na manga algumas intervenções alternativas para elas. “Além de escolher e preparar os recursos necessários, calcular o tempo do trabalho e saber como organizar a sala, o professor precisa prever como cada criança reagirá diante do que vai apresentar. Dessa forma, ele garante um preparo mínimo para resolver possíveis problemas”, diz Andréa Patapoff Dal Coletto, docente do Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental (Proepre) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Tem coisas que acontecem em toda sala, como um aluno ser bem mais rápido do que os colegas. Outras dependem de cada criança e atividade e pedem intervenções individuais. Por isso, passo nas mesas para atender todos”, diz Valéria Aparecida Dutoit, professora do 3º ano da Emef Comandante Gastão Moutinho, na capital paulista.

Às vezes, no entanto, não tem jeito. Mesmo quem faz um planejamento cuidadoso pode ser pego de surpresa. Para se sair bem dessas circunstâncias, a experiência

conta muito. “Fazer registros e analisar a prática permitem saber o que deu certo e o que não foi bom e pensar nos motivos que levaram àquele resultado”, diz Celso dos Santos Vasconcellos, diretor do Libertad – Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica, em São Paulo. Essa prática faz parte da rotina de Marci de Flório Almeida, professora de Educação Infantil da Emed Yolanda Conti Bertoni, em Guaxupé, a 478 quilômetros de Belo Horizonte. “Anoto diariamente observações da aula, faço um relatório reflexivo semanal e mostro para a coordenadora pedagógica. Depois, conversamos sobre como aperfeiçoar minha prática!”.

Com o auxílio de especialistas da área, além de Carla, Marci e Valéria, que estão diariamente em classe, Nova Escola listou 20 situações enfrentadas com frequência pelos professores e indica, nas próximas páginas, como proceder diante delas. A reportagem deve ajudar você a aprimorar sua gestão da sala de aula e entrar em classe mais confiante.

#### [Mais em novaescola.org.br/extras256](http://novaescola.org.br/extras256)

- Texto *Dez importantes questões a considerar*, de Rosaura Soligo.
- Reportagem *7 erros do professor em sala de aula*.
- Vídeos sobre Gestão da Sala de Aula com Celso dos Santos Vasconcellos e com a professora de Geografia Karla Veloso Pinto.



# Como **resolver falhas** na interação

A maneira de conduzir a relação entre os alunos, interagir com eles e propor as atividades interfere na aprendizagem. Veja como você pode atuar nas situações em que há problemas de comunicação

## Os estudantes não entendem as orientações

“Quando uma proposta tem um resultado ruim, o problema pode estar na consigna malfeita”, diz Rosaura, do Instituto Abaporu. Ao apresentar uma atividade, use exemplos e explique de várias maneiras o que deve ser feito. “Eu peço que os alunos digam o que entenderam da minha orientação. Assim vejo se tudo ficou claro”, afirma a professora Carla, que leciona para turmas do 9º ano. Circular pela sala e observar como as crianças estão realizando a tarefa também funciona. Nesse momento, você pode intervir caso ainda haja dúvida e garantir que todos trabalhem bem.

## A turma acha que toda regra é negociável

Os combinados são uma maneira eficiente de fazer a gestão democrática da sala. Eles podem ser sobre a organização da classe e dos materiais, por exemplo, mas, para pontos como os horários das aulas e a não-tolerância a agressões, não existe negociação. Com relação a questões dessa natureza, é preciso se valer de sua autoridade, mas sem ser autoritário. “Eu converso com as crianças e explico o motivo de a regra existir para que todas percebam a necessidade dela. Nessa discussão, mostro o que acontece quando uma norma desse tipo é quebrada”, conta Marci, professora de Educação Infantil.

## O aluno só responde quando tem certeza

Incentive a criança a dar uma resposta também quando ela tiver dúvidas. Mesmo que a conclusão dela esteja errada, alguns colegas podem ter feito o mesmo raciocínio. Peça que ela explique o que pensou. Para ajudá-la a reconstruir esse caminho, faça perguntas. Também não se contente quando um estudante acertar. Ele vai aprender mais se você pedir que justifique sua conclusão. Quando temos de contar aos outros algo que sabemos, desenvolvemos outra valiosa habilidade. Por fim, instigue os demais a dizer se concordam com a opinião dada e apresentem as razões.





## Algumas crianças não interagem

Passa sempre pelas carteiras para verificar se todos estão participando das atividades realizadas em duplas ou em grupos. Cabe a você ensinar a garotada a produzir de forma cooperativa. Valéria, professora do 3º ano, conta que, quando começou a propor agrupamentos, percebeu que a falta de familiaridade com esse formato era uma dificuldade para muitas crianças. “Eu ajudava na organização da equipe. Pedia que me dissessem a função de cada um e como tinham estruturado o trabalho. Com o tempo, elas passaram a se organizar sozinhas”.



## Há muita conversa durante as atividades

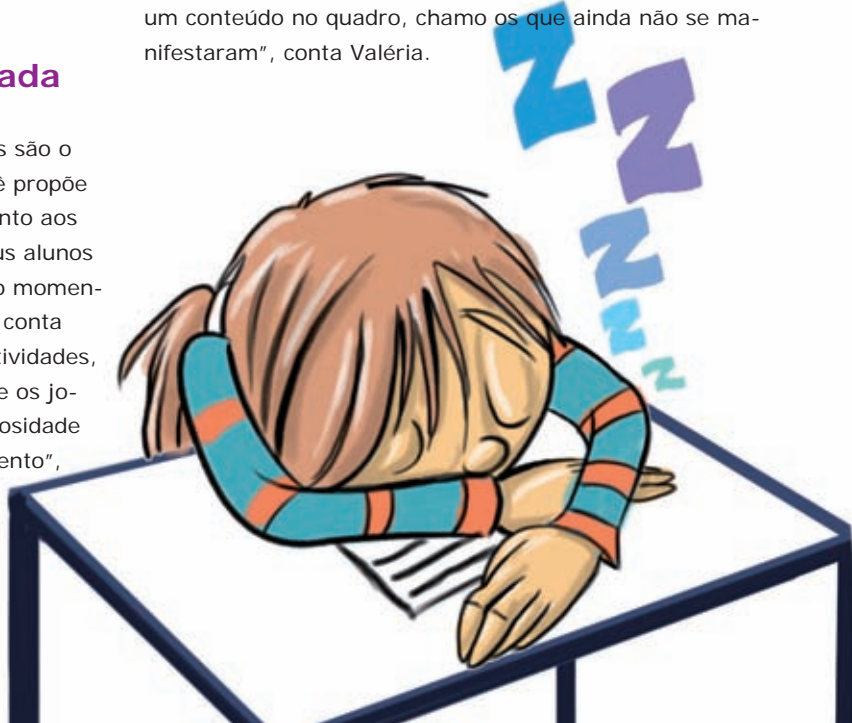
Interação não tem nada a ver com indisciplina. “Uma sala que valoriza a troca de ideias é ruidosa porque as crianças falam, argumentam, compartilham e questionam soluções e hipóteses. Essas situações de diálogo favorecem o desenvolvimento cognitivo”, afirma Andréa, da Unicamp. Para que a aula não vire bagunça, observe se a discussão gira em torno do tema proposto. Caso a conversa seja sobre outra coisa qualquer, ajude o aluno a retomar o foco sem ser impositivo. Uma maneira de fazer isso é lançar algumas perguntas que estimulem todos a refletir com você sobre o assunto que está sendo estudado.

## A classe se mostra desmotivada

Situações instigantes e projetos bem elaborados são o que costuma motivar os estudantes. O que você propõe deve fazer sentido para eles. Esteja sempre atento aos pontos de vista e aos interesses da turma. “Meus alunos querem mostrar suas opiniões. Por isso, reservo momentos para argumentarem sobre temas variados”, conta Carla. Outras dicas básicas: variar sempre as atividades, usar diferentes recursos, como os tecnológicos e os jogos, e estimulá-los a querer saber mais. “A curiosidade leva em direção ao novo e estimula o conhecimento”, afirma Andréa.

## Nem todos são ouvidos no decorrer da aula

Muitas vezes, é difícil prestar atenção em todos os alunos e você pode acabar interagindo só com aqueles que se sentam perto da sua mesa. É importante, porém, assegurar que cada um tenha a oportunidade de ser ouvido, inclusive os da “turma do fundo”. Uma estratégia é priorizar em cada momento da aula a participação de alguns estudantes. “Quando estou fazendo a sistematização de um conteúdo no quadro, chamo os que ainda não se manifestaram”, conta Valéria.



# O que é possível antecipar

Prever problemas que podem surgir durante a aula para preparar antes as intervenções ajuda você a se fortalecer perante a turma. Confira alguns fatos corriqueiros em sala e formas de lidar bem com eles

## Um aluno termina a tarefa antes dos demais

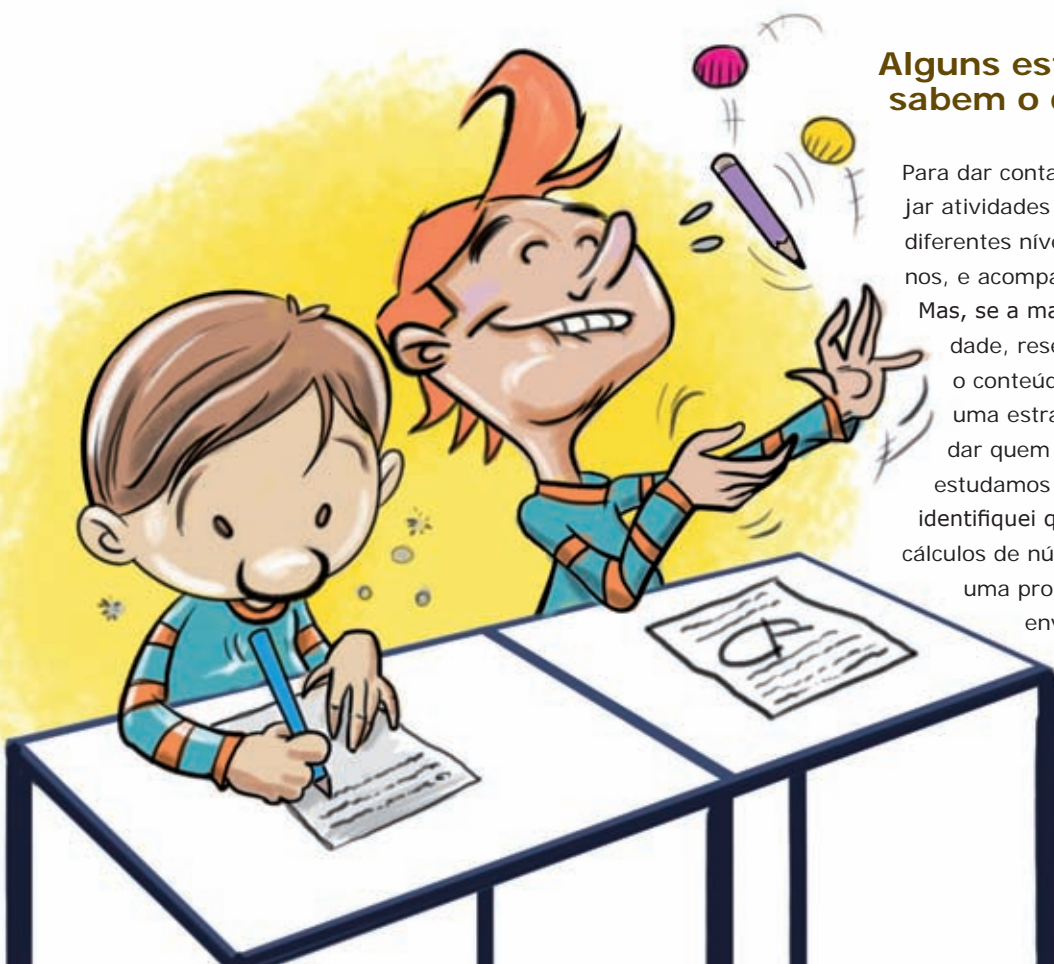
Evite que os mais rapidinhos fiquem de boqueira, sem aprender nada e ainda atrapalhando os colegas, tendo sempre uma atividade extra preparada. Na Educação Infantil, Marci resolve isso com cantos de atividades. “Além das propostas planejadas para alcançar os objetivos de aprendizagem, mantenho vários deles. Quando alguém termina o que foi pedido, sugiro que escolha um”. Os temas são decididos com a turma toda semana. Já Valéria mantém um espaço de leitura na classe do 3º ano, com livros, gibis e revistas. “Seleciono parte dos materiais de acordo com os assuntos vistos em aula”.



## Alguns estudantes não sabem o conteúdo

Para dar conta da turma toda, vale planejar atividades paralelas, de acordo com os diferentes níveis de conhecimento dos alunos, e acompanhá-los de forma individual.

Mas, se a maioria tem a mesma dificuldade, reserve um tempo para revisar o conteúdo coletivamente e elabore uma estratégia alternativa para ajudar quem precisa avançar. “Quando estudamos equação de segundo grau, identifiquei que muitos ainda erravam cálculos de números negativos. Preparei uma proposta para retomar o assunto envolvendo a análise de extratos bancários para que entendessem a ideia de ter e dever”, conta Carla.







### **Há crianças com deficiência na sala**

Para ajudá-las a realizar as atividades, providencie com antecedência recursos e materiais adaptados de acordo com a dificuldade de cada uma delas. O primeiro passo é identificar o que pode ajudá-las a aprender. Se sua escola conta com salas de atendimento educacional especializado (AEE), trabalhe em parceria com o responsável por ela. Ele sabe como desenvolver formas variadas de ensinar seus alunos. Se essa estrutura não está disponível, compartilhe suas dúvidas e o planejamento com a equipe gestora para pensarem em conjunto na maneira mais adequada de atendê-los.

### **A garotada só responde sim e não**

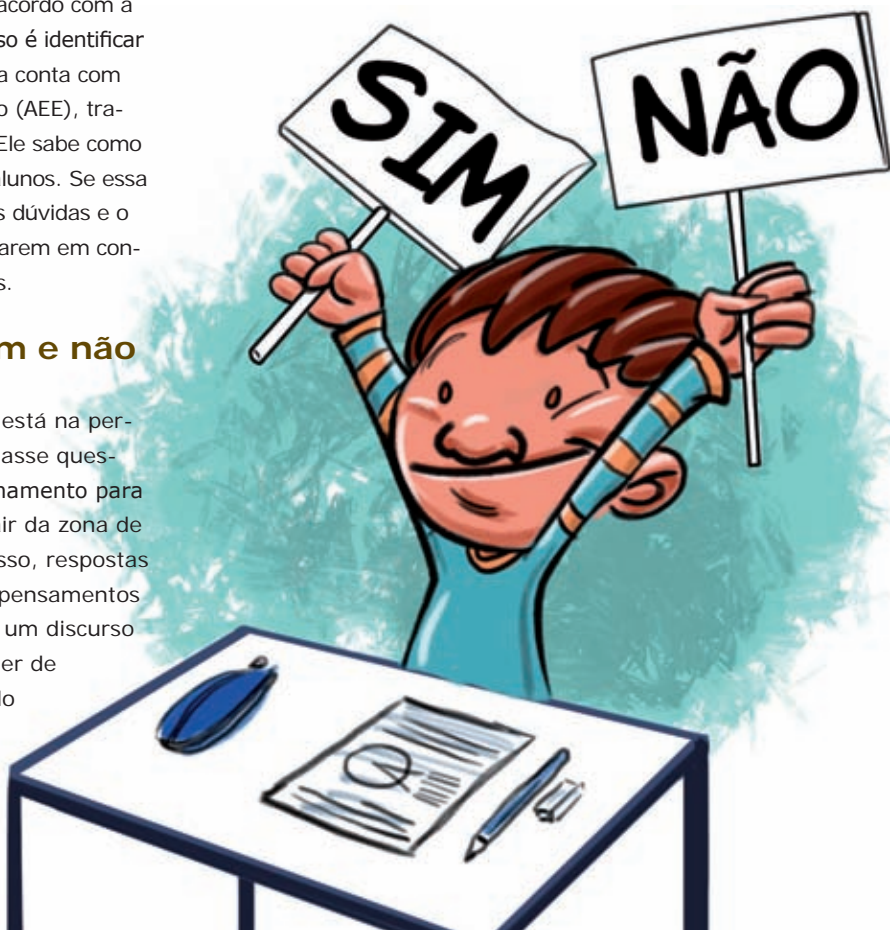
Quando isso ocorre, a razão provavelmente está na pergunta. É importante sempre lançar para a classe questões abertas, que exigem reflexão e posicionamento para respondê-las. Elas estimulam os alunos a sair da zona de conforto e desenvolver o raciocínio. Além disso, respostas mais completas favorecem a articulação de pensamentos e a oralidade. Mas não espere, de imediato, um discurso pronto e articulado. Muitas vezes, você vai ter de construir a resposta com a criança. Um modo de fazer isso é comentar o que algum colega já falou sobre o tema para que ela elabore suas ideias com base nisso.

### **A turma resiste a uma atividade nova**

A falta de familiaridade com uma proposta ainda desconhecida pode deixar os alunos apreensivos e com receio. Isso, porém, não pode impedir você de apresentar novas situações a eles. Se os objetivos estão claros, persista na ideia, mas tenha paciência para ajudar o grupo a se adequar ao que foi pedido. Muitas vezes, um período de adaptação é necessário. Marci já recebeu crianças que se negavam a escrever porque não sabiam. “Eu explicava que os pequenos escrevem de forma diferente dos adultos e incentivava todos a fazer do próprio jeito. Isso dava tranquilidade a eles para começar e logo estavam avançando”.

### **A classe está muito adiantada**

Se você não conhece os estudantes, pode acabar incluindo no planejamento conteúdos que eles já sabem. Por isso, as avaliações diagnósticas são tão importantes. Elas mostram o aprendizado deles sobre o assunto e indicam se é preciso ajustar suas aulas. Valéria fez uma sondagem sobre pontuação e viu que todos já usavam com propriedade pontos, vírgulas e travessões, por exemplo. Fez, então, a sistematização no quadro. “Pedi que explicassem a função dos pontos em frases do texto usado no diagnóstico e dessem exemplos que confirmassem as conclusões. Isso serviu de revisão”. Depois disso, ela reorganizou o plano adiantando outros temas.



# De que **maneira** agir **diante** do **inesperado**

O professor tem de dar conta do conteúdo e dos imprevistos em sala, mas tudo varia conforme as circunstâncias. Como nem sempre é possível antecipar as atitudes dos alunos, saiba o que fazer em alguns casos

## Uma criança se nega a participar da aula

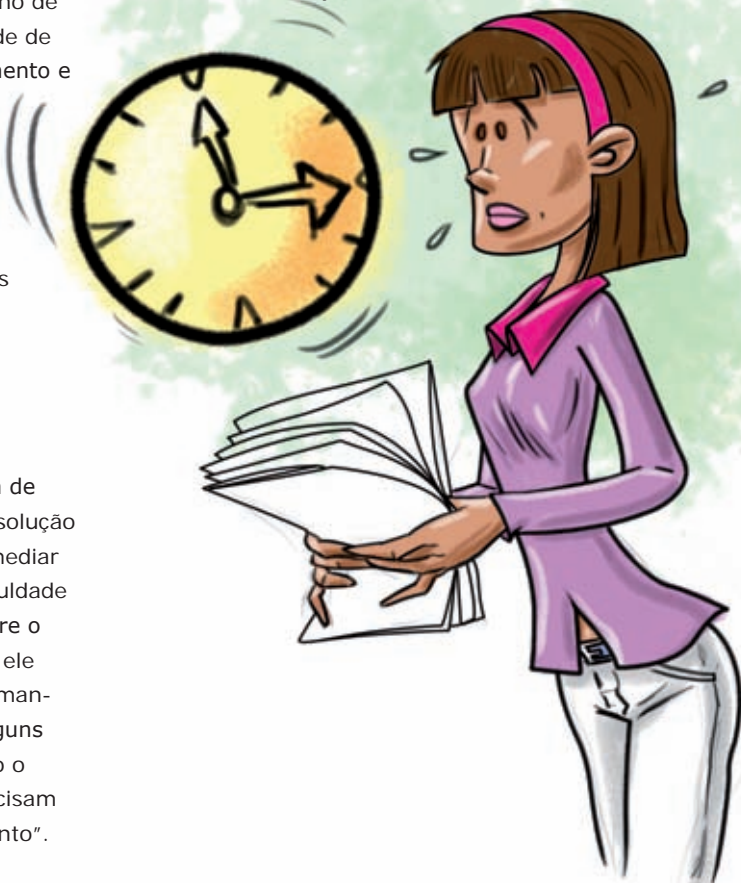
Converse com ela para saber se o motivo é pontual, como ter discutido com um colega, ou se pede sua intervenção. É o caso de ela não ter compreendido o conteúdo, por exemplo. Foi o que ocorreu com um aluno de Valéria que se recusou a participar de uma atividade de leitura por ter dificuldades. Ela adaptou o planejamento e utilizou materiais do interesse dele, já que trabalhar com parlendas e contos, como previsto, não ia incentivá-lo a ler. "Preparei desafios matemáticos que tinham de ser interpretados e li com ele textos científicos e regras de jogos de raciocínio. Depois de ultrapassar essa barreira, retomei os outros gêneros textuais".

## Alguns estudantes se desentendem

Conflitos sempre vão surgir durante as aulas. Além de parar a briga, você tem de ajudar a resolvê-la. "A solução não é punir, mas ouvir o agredido e o agressor e mediar o diálogo", diz Ana Maria Falcão de Aragão, da Faculdade de Educação da Unicamp. Assim, eles refletem sobre o que levou ao desentendimento, como lidaram com ele e as consequências. Isso evita que o mal-estar se mantenha e interfira na dinâmica da sala. Carla, em alguns casos, pede que todos debatam a questão, focando o problema, e não uma ou outra criança. "Todos precisam fazer uma autoanálise para mudar de comportamento".

## Falta tempo para terminar a atividade

Mesmo com planejamento, por vezes a aula não é suficiente para concluir a proposta. "Se isso acontecer, é necessário ter clareza do que são atividades estruturantes – essenciais para o desenvolvimento do conhecimento – e complementares", diz Vasconcellos, do Libertad. No primeiro caso, reveja o que foi previsto e dê continuidade ao trabalho no outro dia. Se a proposta interrompida for complementar, uma opção é pedir que a turma termine em casa. De todo modo, reserve uns minutos na aula seguinte para voltar ao assunto. Isso evita que as crianças deixem de dar atenção à tarefa de casa.





## Os agrupamentos não funcionam

Para montar equipes, além de levar em conta o conhecimento de cada aluno, é importante considerar os perfis e as relações sociais. Nem sempre é possível saber como duas crianças agirão juntas, mas cabe a você ensinar todas a trabalhar em conjunto, até mesmo com quem não se dá bem. Na primeira vez que Valéria faz os agrupamentos, ela deixa a escolha de parceiros livre para identificar os círculos sociais. As informações são úteis para pensar nas intervenções que fará visando tornar os próximos grupos produtivos, mesmo se formados por aqueles que não têm afinidade entre si.

## A proposta não envolve a turma

“Se a atividade apresentada não despertou o interesse de nenhum aluno, é porque não é boa”, analisa Rosaura. Quando isso acontece, reflita sobre ela e avalie quais aspectos não funcionaram, o que os estudantes esperavam do tema e o que foi positivo e negativo. Isso ajuda a dar um melhor direcionamento à sua prática. “Caso o trabalho realizado em classe tenha um efeito na turma muito melhor do que o previsto, vale pensar se ele pode ser retomado em anos seguintes”, completa a pesquisadora.



## Um aluno tem uma atitude inadequada

“Às vezes, a relação entre o professor e os alunos é ruim porque ele não conhece para quem leciona”, afirma Ana Maria. Ouvir a meninada e valorizar suas opiniões minimiza problemas de indisciplina. Em momentos de desrespeito, no entanto, é preciso conversar individualmente. Marci diz que é comum os pequenos terem dificuldade em esperar a vez em atividades coletivas e aí chegam a ser agressivos. “Peço respeito aos colegas. Se as interrupções continuam, tiro a criança da atividade e digo a ela que poderá voltar quando achar que consegue mudar de postura. Não quero castigar ninguém, mas fazer todos pensarem sobre suas ações”.

## Você é surpreendido por uma pergunta

Não dá para deixar o aluno sem resposta. Se isso acontece, ele se sente desvalorizado e não vê na escola um lugar para aprender. Ser sincero é um ponto básico. No caso de não saber a resposta de uma questão, diga a verdade, pergunte o que ele conhece sobre aquilo e peça que o ajude a descobrir mais: “Quem entende do assunto e poderia ser consultado?”, “Onde vamos pesquisar?”. Se a dúvida desencadear um debate produtivo entre toda a sala, anote-a para incluí-la no seu planejamento. “Essa atitude mostra como é ampla a dinâmica do conhecimento”, enfatiza Vasconcellos.



Contato: [fernanda.salla@fvc.org.br](mailto:fernanda.salla@fvc.org.br)

Matéria Extraída da Revista Nova Escola - outubro/12, nº 256.



# Novas **tecnologias** estimulam as aulas de **Geografia**

Imagens de satélite são usadas como recurso didático na otimização dos conhecimentos dos alunos

Claudia Sanches

É uma maneira eficaz e moderna de falar sobre o espaço geográfico e trabalhar de forma interdisciplinar

**G**PS, Google Earth, Google maps. Todas as tecnologias de ponta para identificar localizações, distâncias, florestas e mares, queimadas, enchentes ou prédios. Já pensou o professor utilizando esse material para otimizar suas aulas? Essa foi a iniciativa da docente Denise Vieira, que adaptou esses recursos tecnológicos à sua prática. O uso dessas ferramentas migrou para quase todos os campos da economia, televisão e previsão do tempo, chegando agora às salas de aula. Durante mais de 20 anos lecionando Geografia no Ensino Fundamental, a professora Denise Vieira trabalhou diversos projetos. Em 2005 surgiu a chance de fazer um curso intitulado *O Uso Escolar do Sensoriamento Remoto no Estudo do Meio Ambiente*, no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos.

“Em 2006 fiz o primeiro projeto com alunos voluntários do 9º ano nas Escolas Municipais Rondon e Estado de Israel, com o projeto *Floresta da Tijuca*. O trabalho incluiu a confecção de mapa da área de estudo utilizando imagens de satélite no *site* do Inpe, amostras de rochas





Experiências com recursos multimídia: alunos aprendem Geografia através de imagens de satélite

e minerais característicos da região do Parque Nacional da Tijuca, apresentação da fauna e da flora local através de *slides*, além dos aspectos climáticos e históricos da região”, conta Denise.

Oportunidade de atualização profissional, a capacitação se tornou uma valiosa ferramenta no ensino da sua e de outras disciplinas. As geotecnologias, em especial o sensoriamento remoto (tecnologias que permitem obtenção de informações sobre fenômenos e detecção de alvos na superfície terrestre através de radiação eletromagnética), passaram a fazer parte de seus planejamentos em pequenas atividades integradas ao currículo das suas turmas. Durante a experiência, a docente percebeu o grande desafio que é ensinar às crianças a identificação e interpretação dessas imagens.

### Criatividade: aplicação e adaptação

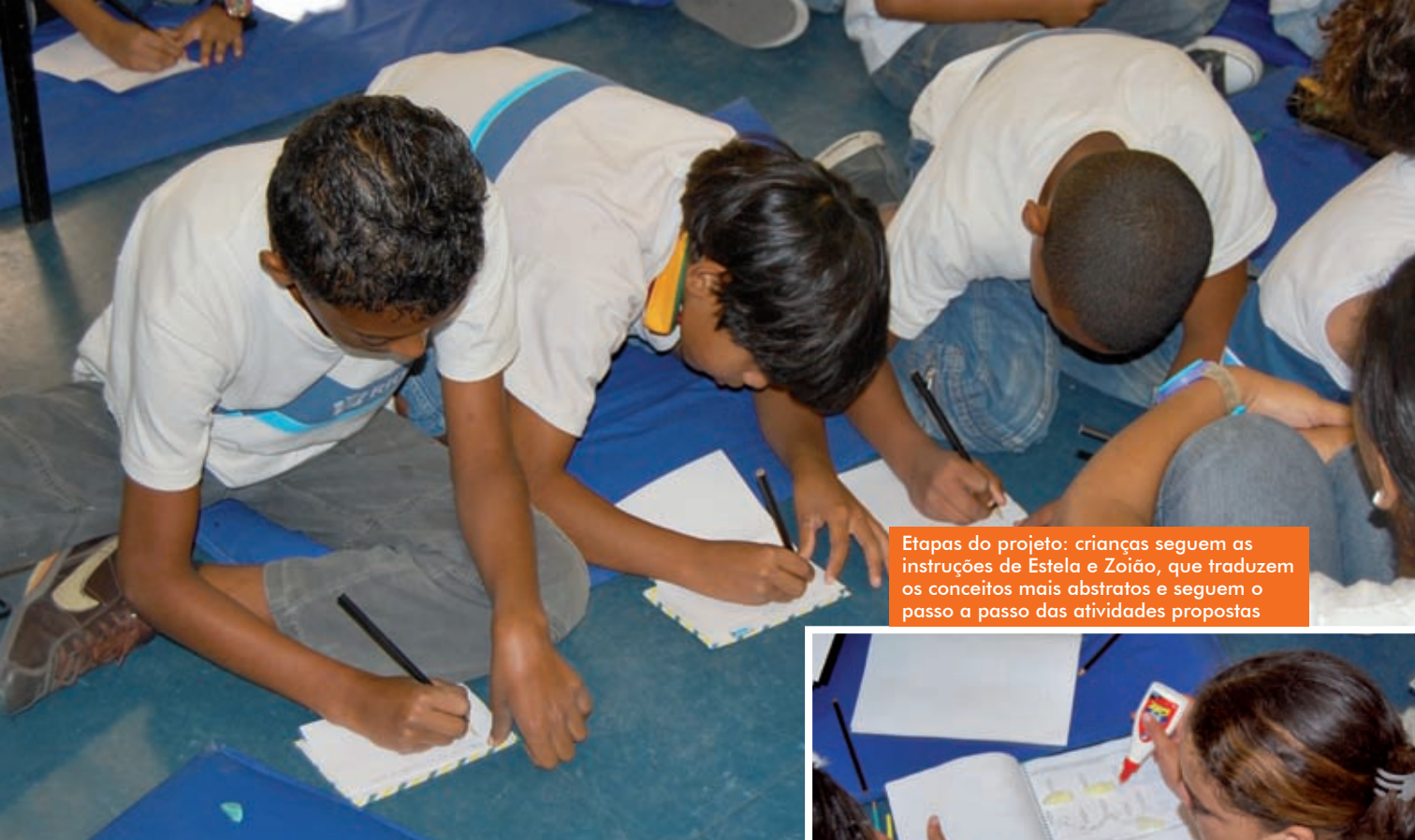
Com o tempo surgiram dificuldades para identificação dos elementos que compõem a paisagem, tudo causado pelos impactos ambientais impostos pelo homem, além da própria dificuldade dos alunos de entender as imagens. Para a docente esse problema foi apenas um estímulo para a confecção de um material didático para trabalhar de forma mais lúdica e interativa com os estudantes das classes iniciais.

Para trabalhar melhor os fundamentos e aplicações dessa nova tecnologia, a docente criou, na E. M. Rondon, para as turmas do 6º ano, um conjunto de exercícios com animação gráfica, incluindo tarefas com linguagem mais simples para que se pudesse trabalhar os fundamentos e aplicação dessas tecnologias. Denise conseguiu proporcionar atividades mais interativas e divertidas: cada aluno recebe um caderno de exercícios com as mesmas atividades apresentadas nos vídeos e todos fazem junto com os personagens Estela (a estrela) e Zoião (o satélite).

Os personagens vão dando as “ordens” e as crianças vão fazendo os exercícios ao mesmo tempo, conforme relata a professora: “O Zoião fala: ‘Pinte o lugar desmatado de cinza, identificando uma queimada e uma nuvem com algodão’, ou ‘Cole um barbante onde há um deslizamento de terra’, ‘Calcule o tamanho da onda com um barbante’, ‘Pinte a água de azul’ etc., e assim eles aprendem a diferenciar o que é nuvem do que é fumaça, enquanto Estela vai explicando como as imagens são geradas, conceitos de radiação, ondas eletromagnéticas e tudo mais. É uma maneira eficaz e moderna de falar sobre o espaço geográfico e trabalhar de forma interdisciplinar”, explica a docente.

As crianças utilizam técnicas que exploram a psicomotricidade, como recortar e colar, empregando materiais como algodão, barbante, sucata, lápis de cor, cera, entre outros.





Etapas do projeto: crianças seguem as instruções de Estela e Zoíão, que traduzem os conceitos mais abstratos e seguem o passo a passo das atividades propostas



Os personagens apresentavam noções de Cartografia Escolar, além de fundamentos em Sensoriamento Remoto com destaque em radiação, comportamento dos objetos da paisagem, formação e utilização de imagens de satélite, seus componentes e aplicabilidades do sensoriamento remoto, lançamento de foguetes, incluindo identificação de outros fenômenos. Para levar as crianças a entender alguns conceitos de Física, como luz, por exemplo, a professora lembra que teve que recorrer aos livros para confeccionar, com as turmas, o disco de Newton: "Muitas vezes tive que apelar para os velhos livros de Física da época de estudante", brinca.


A professora lembra que o Inpe disponibiliza de forma gratuita material impresso. O conteúdo também pode ser acessado no *site* do Instituto e apresentado para as atividades práticas nos projetos multimídia ou nas salas de Informática. Vale a pena conferir: [www.inpe.br](http://www.inpe.br). O curso "O Uso do Sensoriamento Remoto para Estudo do Meio Ambiente" é ministrado por professores do Inpe e tem a duração de 40 horas. As inscrições para 2013 podem ser feitas pela Internet.

Escola Municipal Rondon  
Rua Claudino Barata, 1.257 – Realengo – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21777-200  
Tel.: (21) 9386-8645  
E-mail: [Vdenise2004@ig.com.br](mailto:Vdenise2004@ig.com.br)  
Direção: Rosângela Teixeira  
Fotos cedidas pela escola



# Polos de Treinamento

Caminhadas e Corridas

 Ilha do Governador

 Deodoro

 Niterói

 São Cristóvão

 Botafogo

 Bangu



Inscrições através do Portal do Associado: [appai.org.br](http://appai.org.br)

## Assistência Funeral 24h

Tenha esse número sempre à mão:  
0800 023 4600

Não se preocupe com os procedimentos funerários. Apenas ligue para **0800 023 4600** e a assistência burocrática será imediata na execução funerária sem qualquer custo para o associado colaborador.



\*Na hipótese de alguma dificuldade, entrar em contato diretamente com a Appai através do telefone 3983-3200.



Assistência Funeral





# Halloween: uma proposta **intercultural**

Atividade pedagógica une o ensino da Língua Inglesa à reflexão sobre diferentes folclores



Ilustrações: Luiz Claudio de Oliveira

Uma celebração de origem celta que data de mais de 2000 anos, o *Halloween* é comemorado no dia 31 de outubro. Nos Estados Unidos, criou-se a tradição de as pessoas decorarem abóboras, dando-lhes feições humanas, com uma grande boca iluminada por velas colocadas em seu interior. Nesse dia, as crianças saem às ruas pedindo guloseimas nas casas da vizinhança; se não receberem doces, fazem algum tipo de travessura. Já no Brasil, o *Halloween* é conhecido como o Dia das Bruxas e não tem a mesma conotação da comemoração norte-americana.

A proposta pedagógica apresentada a seguir tem o objetivo de discutir, à luz de uma perspectiva intercultural, o *Halloween* como celebração folclórica de origem irlandesa,

que foi levada aos Estados Unidos e também ao Brasil. Não se trata apenas de entender a cultura do “outro”, mas procurar perceber de que forma ela interage com a realidade brasileira, adquire outros contornos e modifica também a cultura do País.

Em contraste, também abordaremos a figura do Saci-Pererê, com o objetivo de discutirmos o folclore brasileiro. Existe, inclusive, o projeto de lei 2.762/2003 para que seja instituído o Dia do Saci, em 31 de outubro (mesma data da comemoração americana).

A intenção deste trabalho não é desprezar a celebração do *Halloween* em prol do Dia do Saci, mas proporcionar a alunos e professores a oportunidade de pensarem de que forma o Dia



## Atividade para o mês do *Halloween*

### Objetivo

- Propiciar à turma oportunidades de:
- Refletir sobre a cultura do outro e sobre sua própria cultura;
  - Construir entendimentos sobre como o *Halloween* ganhou significado no contexto brasileiro;
  - Refletir sobre a figura do Saci-Pererê e sua relação com outros folclores;
  - Desenvolver estratégias de leitura;
  - Aprender o vocabulário relacionado aos folclores do *Halloween* e do Saci;
  - Aprender adjetivos relacionados a nacionalidades.

### Público-alvo

Alunos do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental (pode-se adaptar as perguntas dos exercícios aos alunos do Ensino Médio).

### Materiais Necessários

- Texto 1 e Texto 2, em inglês;
- Folhas de atividades disponíveis no site [www.profissaomestre.com.br](http://www.profissaomestre.com.br);
- Imagens relacionadas ao *Halloween* e ao Saci-Pererê;
- Folhas de cartolina e materiais para elaboração de cartazes (opcional).

das Bruxas ganhou um novo significado na cultura brasileira e por que as figuras folclóricas nacionais são pouco lembradas. Partindo de uma proposta de letramento crítico, os estudantes podem compreender e desconstruir os sentidos familiares da realidade, bem como construir novos entendimentos do mundo.

## Como desenvolver

A proposta pedagógica pode ser realizada com tipos diferentes de textos (imagens e informações) – neste caso, “texto” refere-se a qualquer unidade de sentido, verbal ou não verbal. A atividade está dividida em quatro momentos distintos, sem necessariamente uma ordem fixa a ser seguida: preparação, exploração textual, expansão e problematização.

## Preparação

O objetivo desta fase inicial é motivar os alunos e prepará-los para o tema a ser explorado, que estabelece o foco da aula. É importante relacionar o assunto à realidade dos educandos, tornando-o mais significativo e permitindo que os estudantes reflitam sobre as suas próprias representações de mundo e seus conhecimentos prévios, levando-os a partilharem tais conhecimentos e representações com a turma e o professor. Você pode fazer perguntas que instigariam os alunos a refletirem sobre os sentidos das comemorações do Dia das Bruxas (e/ou sobre o Dia do Saci) no Brasil, em suas vidas, e/ou questionamentos sobre as diferenças entre estes e o *Halloween* de conceito norte-americano. Sugerimos que você parta sempre dos conhecimentos prévios dos alunos e de suas experiências pessoais.

## Exploração textual

Esta fase utilizará textos escritos em inglês, que foram adaptados e modificados para ficarem mais concisos, sem necessariamente alterar sua complexidade e essência (texto 1 e texto 2, apresentados a seguir). A sugestão é que os alunos não os leiam em voz alta e não procurem palavras desconhecidas no dicionário durante a leitura (pelo menos até que as atividades propostas tenham sido feitas). Um dos objetivos desta medida é o desenvolvimento da capacidade dos alunos de inferir o significado de palavras no contexto.

As questões das folhas de atividades têm o objetivo de desenvolver as estratégias de leitura dos alunos, aproveitando seu conhecimento prévio e palavras cognatas. Todas as atividades dos itens 1 ao 6, a seguir, estão no *site* da Profissão Mestre.

## Trabalhando o texto 1

### 1. Fazendo associações

Você pode perguntar aos alunos quais palavras associadas ao *Halloween* eles conhecem (e que poderão estar presentes no texto 1). Pode ser interessante escrever esses termos na lousa, na medida em que são mencionados. Fica interessante também apresentar imagens que remetam às palavras do texto, para verificar se eles conseguem identificá-las.

### 2. Preparando o vocabulário

A primeira atividade é voltada para a compreensão de algumas palavras e expressões. Trata-se de um exercício de relacionar colunas com vocábulos em inglês e seu equivalente em português. Para facilitar a tarefa, as palavras estão sublinhadas no texto 1; assim os alunos podem



ver como estão sendo utilizadas e tentar inferir seu significado. A atividade pode ser feita em dupla ou em pequenos grupos.

### 3. Compreensão de texto

Agora é o momento de identificar informações na leitura do texto. As questões foram feitas em português para facilitar a compreensão e para que os alunos se concentrem nas informações pedidas. Sugerimos algumas questões, mas outras poderão ser feitas, de acordo com a turma, pois é o nível de complexidade delas que determinará o grau de dificuldade da atividade, e não o texto em si.

### 4. Falso x verdadeiro

Os alunos deverão constatar a veracidade de algumas informações de acordo com sua leitura do texto. Embora em nossa atividade as alternativas pareçam bastante simples e tratem de informações factuais presentes no texto, é válido discutir com os alunos os pressupostos por trás do que é considerado “verdadeiro” ou “falso” na leitura do texto, além de como se podem produzir diferentes maneiras de ler.

### 5. Palavras cognatas

Esta atividade é voltada para a exploração de aspectos linguísticos mais específicos do texto, relacionados não apenas a questões lexicais, mas também a pontos gramaticais. Inicialmente, sugerimos ao professor abordar a busca por palavras cognatas (as que são semelhantes em português). Por meio delas, será possível trabalhar com a formação dos termos em inglês, como prefixos e sufixos, por exemplo.

### 6. Adjetivos

Outro aspecto linguístico explorado é o dos adjetivos relacionados a nacionalidades/países. Os alunos deverão encontrar no texto 1 alguns adjetivos (Celtic, Scottish, Irish, American) e, depois, buscar outros relacionados a outros países.

### Trabalhando o texto 2

Nesta outra etapa, sugerimos que você trabalhe com os alunos a exploração de um pequeno texto também em inglês, mas agora sobre o Saci-Pererê (veja abaixo). Esta abordagem inicial irá envolver o vocabulário e a busca de informações. Confira as atividades no *site* da Profissão Mestre.

## Texto 1 (sobre o Halloween)

*Halloween* is a celebration that is about 2000 years old and is based on a Celtic festival which occurred each year at the end of harvest on October 31. It was one of the major festivals of the Celtic year. Bon fires were lit in honor of the dead and to keep them away from the living. The Celts believed the veil between the living and the dead become thin at this time and the dead could bring illness or poor crops if not distracted. Dressing in costumes and masks to mimic the dead was believed to distract them from causing harm and prevent them from recognizing the person wearing the costume.

The holiday was thought to be brought to America by Scottish and Irish immigrants. In these countries the carved pumpkin was actually a carved turnip or rutabaga! It was only in America where Pumpkins were plentiful that pumpkins began to be used as Jack-o-Lanterns. The tradition of the Jack-o-Lantern is based on the Irish myth of Stingy Jack. As the story is told, Stingy Jack tricked the devil and in retribution the devil condemned him to wander the earth in darkness. Ever since that day, according to the myth, he has roamed the earth trapped between heaven and hell. The tradition of carving pumpkins and placing candles inside was thought to keep evil spirits and Stingy Jack away.

The name *Halloween* is a shortened version of All Hallows Even, another name for All Saints Day. In the Christian tradition All Saints Day is a day to honor the dead that have gone to heaven. The Celts believed their departed dead did not really die but went to another place different from the living world but still in contact with it especially on this festival when the veil between the two worlds was felt to be thin.

In the USA, American children go from door to door in their neighborhood asking for treats (candies and sweets) by saying “trick or treat”. If people refuse to give them treats, they play some tricks on them. For example, they rub soap bars on car windows, adorn trees and gardens with toilet paper, throw eggs at houses or ring the doorbell and run away. Children usually wear some *Halloween* costume – witches, ghosts, and so on.

**Fonte:** Adapted from [http://www.bukiso.com/articles/149417\\_halloween-facts-ord-historyandwww.wikipedkl.org](http://www.bukiso.com/articles/149417_halloween-facts-ord-historyandwww.wikipedkl.org)

### Na Web

Acesse o *site* da revista Profissão Mestre ([www.profissaomestre.com.br](http://www.profissaomestre.com.br)) e confira as atividades relacionadas a este texto



## Texto 2 (sobre o Saci)

Saci is a very popular entity of Brazilian folklore. Black people, mestizos and the Tupi-guarani people gave him his original name by the end of the eighteenth century. In many Brazilian regions, Saci is considered a very playful being, who likes hiding household objects, frightening animals, whistling in people's ears and making a complete mess of kitchens; while in other places he is seen as a plainly malevolent figure.

He is a young black boy with just one leg, who smokes a pipe and wears a red cap which gives him magical powers, like the power to appear and disappear whenever he wants to. He likes frightening travelers and lonely hunters in the woods.

He also likes hiding children's toys, setting free the cattle held in the corrals, spilling salt inside kitchens and, on full-moon nights, he likes riding a horse and crossing fields making a lot of noise. According to popular belief, inside each small whirlwind there is a Saci.

**Fonte:** <http://globalvoicesonline.org/2008/11/01/brazilian-myths-and-haunts-on-the-lusosphere-port-3/>

### Na web

Acesse o *site* da revista Profissão Mestre ([www.profissaoemestre.com.br](http://www.profissaoemestre.com.br)) e confira as atividades relacionadas a este texto.



### Expansão

Como atividades de expansão (que vão além do trabalho com os textos), os alunos podem, entre outras coisas: pesquisar mais sobre a origem do *Halloween* ou do Saci-Pererê (ou mesmo sobre outras figuras do folclore brasileiro); elaborar e expor cartazes sobre as origens desses folclores; inventar outro "folclore", imaginando suas características e origem; e refletir sobre o que institui ou não uma prática de folclore.

### Problematização

O objetivo desta etapa é o de problematizar concepções da realidade pautadas no senso comum e de possibilitar aos alunos a construção de novos entendimentos de mundo. As verdades são construídas culturalmente e na medida em que seus pressupostos e valores são reconhecidos como legítimos por determinadas comunidades. Nesta visão, todo conhecimento deve ser respeitado. No entanto, ao relativizar certos entendimentos e posicionamentos, os alunos poderão ter outras perspectivas acerca da relação entre as culturas, como se relacionam e se transformam.

### Perguntas que podem ser feitas nesta atividade:

- O folclore e as "crendices" populares podem ser "verdadeiros" ou ter um fundo de verdade?
- Comemorações do Dia das Bruxas deveriam ser proibidas no Brasil? Por quê?
- O Dia das Bruxas deveria ser substituído pelo Dia do Saci? Caso fosse substituído, como poderiam ou deveriam ser as comemorações desta festividade?
- A quem cabe o direito de decidir quais comemorações devem ou não ser autorizadas na escola?

### Avaliação

Recomendamos que a avaliação das atividades seja feita na medida em que forem sendo realizadas, ou seja, levando-se em conta a participação dos alunos. Não previmos a realização de uma prova ou exercício com o fim específico de avaliação. As atividades de produção dos alunos (como as pesquisas ou cartazes, por exemplo) poderão ser consideradas para avaliação.

**Autora:** Clarissa Menezes Jordão é professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas do UFPR. Possui doutorado pela USP e pós-doutorado em Globalização e Estudos Culturais na Universidade de Manitoba, Canadá. *E-mail* para contato: [clarissa@ufpr.br](mailto:clarissa@ufpr.br)

**Autor:** Francisco Carlos Fogaça é professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPR. Possui mestrado e doutorado em Linguística Aplicada, na área de Formação de Professores de Línguas Estrangeiras. *E-mail* para contato: [FcFogaco@ufpr.br](mailto:FcFogaco@ufpr.br)

Matéria Extraída da Revista Profissão Mestre - Setembro/11, nº 144.



# “Mestre Lula”

Manifestações folclóricas permeiam as áreas do conhecimento no centenário de Gonzagão

Tony Carvalho

O projeto ampliou o conhecimento de mundo dos alunos dando-lhes a oportunidade de ter contato com a nordestinidade que Gonzagão trouxe para o povo brasileiro

Autêntico representante da cultura nordestina, o pernambucano Luiz Gonzaga, que este ano completaria 100 anos, é tema de várias atividades pedagógicas em escolas de todo o país. Sua obra ultrapassou as barreiras do meio musical e deu uma grande contribuição a áreas das ciências humanas, como História e Sociologia. No Colégio Cenecista Orlando Rangel, em São Gonçalo, o “mestre Lula” foi tema de uma feira multidisciplinar. Através das canções do Rei do Baião, as turmas da Educação Infantil ao Ensino Médio exploraram a diversidade de manifestações folclóricas, os hábitos e costumes, bem como as crenças, os valores e, de forma mais ampla, o modo de viver do povo nordestino.

As atividades foram iniciadas em sala de aula com os professores conduzindo os alunos a uma discussão sobre o Nordeste da primeira metade do século XX, período vivenciado por Gonzagão, quando a região era praticamente isolada do resto do país e uma das poucas opções de trans-



porte era o pau-de-arara. As turmas analisaram a questão da seca, a degradação do meio ambiente, a dificuldade de industrialização e de que forma Luiz Gonzaga ajudou a recolocar a região no mapa do Brasil. As discussões avançaram até os tempos atuais, com o aumento do turismo na região litorânea, o avanço no processo de industrialização em alguns polos da região, mas com o sertão semiárido ainda se mantendo praticamente o mesmo de 100 anos atrás. “Além do enriquecimento cultural presente em toda atividade pedagógica, este projeto também contribuiu no amadurecimento dos nossos alunos, que passaram a conhecer melhor uma região do nosso país que, muitas das vezes, é discriminada e envolta em preconceitos”, afirma a diretora-geral Ana Cristina da Silva.

Durante a abordagem dos aspectos climáticos, geográficos, econômicos, culturais e sociais do Nordeste, os alunos encenaram esquetes teatrais, fizeram apresentações com músicas e danças típicas, exibiram vídeos e maquetes. Em cada disciplina uma abordagem inerente ao conteúdo programático: em Química, foram estudados os nutrientes e a composição de alimentos típicos da região como a cocada e sucos de frutas; em Língua Portuguesa, a literatura de cordel e as variedades linguísticas; em Matemática foi feita uma associação entre os números e a música; em

Geografia, o solo, a vegetação e o relevo; em História e Sociologia, destaque para as letras com temática que contribuíram na formação de uma identidade regional. “O projeto possibilitou que os alunos compreendessem a influência de uma das mais completas e importantes figuras da música, responsável por lapidar e difundir a cultura nordestina”, enfatiza a coordenadora pedagógica Marta Ana da Silva.

A professora Sara Oliveira, a partir da discografia de Luiz Gonzaga, estimulou as crianças do 1º ano a produzir pinturas variadas e conhecer e diferenciar o som de instrumentos como a zabumba, a sanfona e o triângulo. A professora Rosângela Rodrigues abordou, com a turma do 3º ano, a vida e a obra do cantor. “O projeto ampliou o conhecimento de mundo dos alunos dando-lhes a oportunidade de ter contato com a nordestinidade que Gonzagão trouxe para o povo brasileiro”, justifica. Já a professora Fátima Roso trabalhou com as turmas do 4º ano releituras de imagens do sertão nordestino e do cantor homenageado. A aluna do 5º ano Rhayanne Lyrio Gonçalves participou de um jogral e ajudou na confecção de uma maquete do sertão de Pernambuco: “O que achei de mais bacana foi estabelecer contato com uma região distante da nossa e com uma cultura própria. A gente nem precisa sair do Brasil para conhecer tanta coisa”, diz.

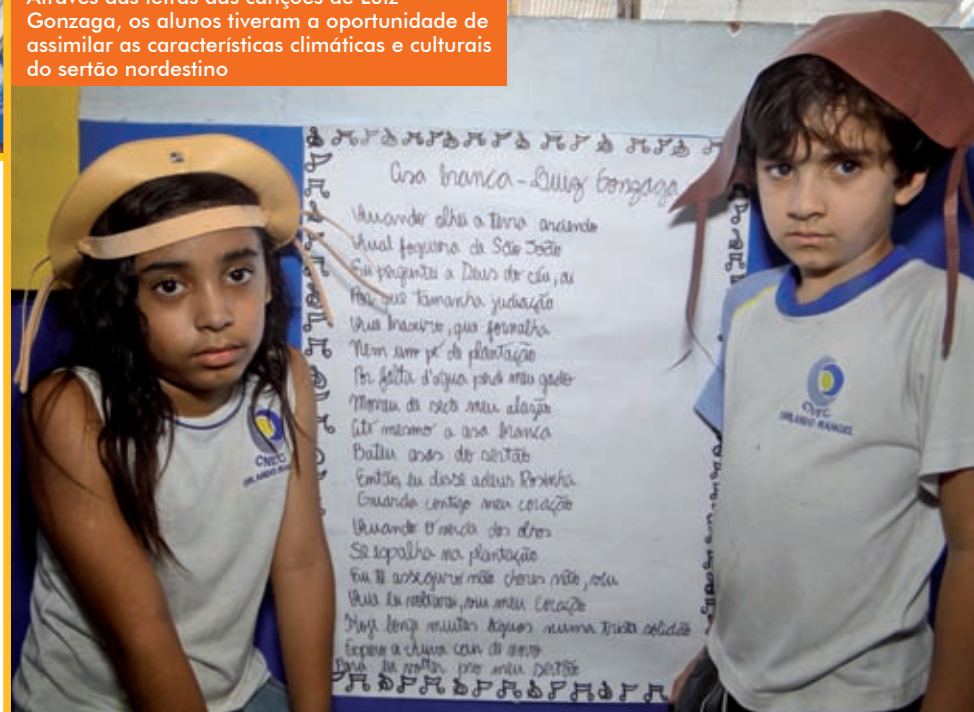
Alunos de todos os segmentos participaram de esquetes teatrais e apresentações com músicas e danças típicas da região Nordeste





Através das letras das canções de Luiz Gonzaga, os alunos tiveram a oportunidade de assimilar as características climáticas e culturais do sertão nordestino

Além do enriquecimento cultural, (...) este projeto também contribuiu no amadurecimento dos nossos alunos, que passaram a conhecer melhor uma região do nosso país...



Na avaliação da orientadora pedagógica e psicopedagoga Gianni Isidoro, a questão da interdisciplinaridade é o ponto alto do projeto. “Hoje vivemos a era da tecnologia, e a escola precisa ser dinâmica para atrair a atenção dos alunos. A partir de um conjunto de práticas desenvolvidas em sala de aula e fora dela, os alunos puderam exercitar sua capacidade de relacionar conteúdos provenientes de variadas esferas de atuação, proporcionando uma expansão da visão de mundo. O trabalho foi focado no intuito de desenvolver uma perspectiva mais integrada que supere os limites comuns de um currículo compartimentado em diferentes disciplinas”, conclui.

Colégio Cenecista Orlando Rangel  
Praça Estefânia de Carvalho, 4 - Zé Garoto - São Gonçalo/RJ  
CEP: 24440-195  
Tel.: (21) 2605-8072  
E-mail: contato@rccrj.org.br  
Diretora-geral: Ana Cristina da Silva  
Fotos: Tony Carvalho





**BENEFÍCIO DE  
EDUCAÇÃO CONTINUADA**  
CICLO DE PALESTRAS E OFICINAS

O Benefício oferece palestras e oficinas, com temas inerentes à área educacional, direcionadas aos associados.

Educação e Tecnologia

Metodologias e Práticas de Ensino

Planejamento e Gestão Escolar

Educação Especial

Educação Ambiental

Sistemas de Avaliação

Dificuldades de Aprendizagem

Teorias de Educação

Temas Transversais na Educação (Transtornos Comportamentais, Síndrome de Burnout, Sexualidade, Violência, Saúde Vocal)

Linguagem Oral e Escrita

Dificuldades de Aprendizagem

Neurociência e Educação (Neuroeducação)

Educação e Tecnologia

Educação Ambiental

Teorias de Educação



Inscrições:  
[appai.org.br](http://appai.org.br)

Siga-nos nas mídias sociais:  

Solicite uma palestra na sua escola na página da Educação Continuada





Alunos do Ciep Nação Mangueirense e integrantes do Centro Cultural Cartola produziram o espetáculo NoRdestino, composto de 13 cenas inspiradas em obras consagradas da literatura nacional

# De Graciliano a Jorge Amado

Clássicos literários unem a arte cênica à produção, leitura e interpretação textual

Tony Carvalho



**IE**m um projeto que uniu Língua Portuguesa, Literatura, artes plásticas e dança, alunos dos ensinos Fundamental e Médio do Ciep Nação Mangueirense, em parceria com o Centro Cultural Cartola, produziram o espetáculo NoRdestino que possibilitou aos participantes desenvolver a percepção crítica de obras literárias, estabelecendo relações entre essas produções e a realidade em que vivem. O projeto foi desenvolvido pelo animador cultural Marcos Rogério Gonçalves Silva e pelas professoras Maria das Graças dos Santos, de Língua Portuguesa, e Maristela Goulart, de Educação Artística. O grupo cênico contou com alunos do Ciep e integrantes da comunidade.

Para compor o trabalho, alunos e professores envolvidos mergulharam nos textos de *Vidas Secas* (Graciliano Ramos); *Capitães de Areia*, *Tieta do Agreste* e *Gabriela Cravo e Canela* (Jorge Amado); *Grande Sertão Veredas* (Guimarães Rosa); *Morte e Vida Severina* (João Cabral de Mello Neto); *O Pagador de Promessas* (Dias Gomes), além das canções de Luiz Gonzaga: *Luar do Sertão*, *Assum Preto*, *Súplica Cearense* e *Mulher Rendeira*. A partir dessas obras, foram desenvolvidos treze esquetes. “Vivenciar o texto de vários autores consagrados, através da dança e da interpretação cênica, é uma experiência profunda e enriquecedora para o estudante, que vai muito além da leitura e que pode pro-

vocar efeitos bastante positivos em sua formação”, declara a coordenadora pedagógica Ermezinda Sampaio.

À medida que os alunos liam os livros, a professora Graça, em sala de aula, estimulava discussões e reflexões sobre as temáticas abordadas. Os estudantes analisavam os contextos narrados pelas histórias e os recursos linguísticos empregados. As turmas também se inspiraram nos autores e personagens para produzir literatura de cordel. Paralelamente, em atividades de contraturno, a professora Maristela desenvolvia com os alunos atividades de desenhos e pinturas retratando cenários ligados às obras em destaque.

Ao mesmo tempo, Marcos Rogério desenvolvia o preparo cênico dos jovens envolvidos no projeto. “Quando decidimos trabalhar essas obras, foi proposto o estudo de personagens, para que os alunos pudessem reproduzir com fidelidade os sentimentos inseridos nas histórias, como a fome, a saudade, a morte. Fiz com que vissem que não se tratava apenas de uma caracterização, mas da reprodução de histórias. O resultado foi a criação de treze cenas que considero muito significativas, como, por exemplo, a que faz uma ligação entre *Morte e Vida Severina* e o *Pagador de Promessas*, quando lançamos mão da liberdade poética para transformar a cena original que culminaria com o sepultamento de um criança em algo que transcendeu a vida neste plano. A proposta não foi fazer qualquer ligação religiosa, mas passar uma mensagem de esperança diante da dor. E o resultado ficou muito bom”, conta.



Em uma das cenas, os alunos promovem uma ligação entre duas obras: *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto, e *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes



O projeto, coordenado pelo animador cultural Marcos Rogério e pelas professoras Maria das Graças dos Santos, de Língua Portuguesa, e Maristela Goulart, de Educação Artística, também incluiu literatura de cordel e produção de desenhos e pinturas



Taíssa Frota, aluna do 1º ano, afirma seu orgulho em integrar o projeto. Ela leu o livro *Capitães de Areia*, preparou resumo da obra, pesquisou sobre os personagens Pedro Bala e Dora e esteve em todos os ensaios. “Sempre gostei de literatura, mas ao participar desse projeto passei a admirar ainda mais. É como se o livro ganhasse vida e fizesse parte do nosso cotidiano”, diz. A ex-aluna Luane Caroline Xavier é outra integrante do grupo. Ela estudou na escola até concluir o 3º ano e depois prestou o Enem para a UFRJ, onde cursa Engenharia Química. Mesmo assim, faz questão de estar presente nas atividades da escola.

Cristiano Arthur também concluiu o Ensino Médio no Ciep 242 e se prepara para cursar Educação Física. Para ele, a arte ligada à Língua Portuguesa ajuda a compor a personalidade de um cidadão. “Através desses projetos, passamos a conhecer novas culturas, desenvolver nossos talentos, como aconteceu comigo”, garante. Para o diretor-geral Carlos Alberto Barbosa, essa sintonia fina com a comunidade é fundamental para que uma escola cumpra o seu papel. “Ao

vermos ex-alunos e a comunidade participarem ativamente dos nossos projetos, percebemos que estamos trilhando o caminho certo. A meu ver, atividades como essa fazem com que aproximemos o aluno do professor, que não é o senhor absoluto do saber. Estamos aqui para ajudá-los a crescer e aprender com eles também”, afirma. Ao final, a professora Graça fez uma avaliação do projeto: “Meu sentimento é de alegria e de esperança. Esses jovens têm um potencial que eles mesmos desconhecem. Quando a escola propicia meios que os estimulam a desenvolver suas habilidades, os resultados são surpreendentes”.

Ciep – Brizolão 241 Nação Mangueirense  
Rua Santos Melo, 73 – São Francisco Xavier – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 20960-030  
Tel.: (21) 2501-8720  
E-mail: [ciep241@bol.com.br](mailto:ciep241@bol.com.br)  
Diretor-geral: Carlos Alberto Barbosa  
Fotos: Marcelo Ávila



# Latim ainda hoje?

Sandro Gomes\*

**E**m tempos de julgamento do mensalão transmitido ao vivo em rede nacional, o Brasil figurando entre as maiores economias do planeta e as preocupações ambientais permeando o noticiário, temos nos deparado frequentemente com vários termos latinos. De tanto conviver com essas expressões elas nos parecem familiares e muitas vezes depreendemos o que querem dizer sem saber exatamente o que elas significam. Assim, vamos abordar aqui algumas delas, a sua origem e o que representam atualmente.

## Ad aeternum

Expressão muito usada no Direito Romano e que ainda hoje é largamente utilizada nos meios jurídicos. Literalmente quer dizer “para toda a eternidade” e é empregada para se referir àquelas coisas que não têm prazo definido para terminar. Exemplo:

*Os corruptos deveriam ser banidos **ad aeternum** (para sempre, em definitivo) das funções públicas.*

## Vis à vis

Esse termo latino pode aparecer como **advérbio** (*de fronte, em face de etc.*), **preposição** (*em frente a, em relação a etc.*) ou até como substantivo, significando alguma coisa que representa outra, algo como testa de ferro, homem de palha etc. Veja os exemplos.

*Finalmente nos sentamos **via à vis** (frente a frente/advérbio). Ficamos **vis à vis** (em frente/preposição) ao prédio. / Havia um **vis à vis** (testa de ferro/substantivo) infiltrado.*

**Observação:** A crase que aparece na expressão surgiu em algum momento ao longo da história das línguas românicas, pois originalmente não existe esse sinal no latim.

## Urbi et orbi

Era uma expressão com que as autoridades romanas normalmente iniciavam seus discursos. Como Roma dominava praticamente todo o mundo conhecido à época os tribunos não hesitavam em iniciar suas falas utilizando essa construção que é traduzida como *à cidade (Roma) e ao mundo*. Hoje o Direito a utiliza para se referir a qualquer comunicado que deve atingir a todos sem distinção. Veja:

*A Justiça que recomenda a ética **urbi et orbi** (a todos, a todos os setores etc.) deveria ser a primeira a cultivar a integridade.*

## Habeas corpus

Essa é certamente uma das mais conhecidas expressões e quer dizer literalmente “Que tenhas ou disponhas de seu corpo”. É um instrumento jurídico que tem a finalidade de garantir que o direito de ir e vir de uma pessoa não será lesado por abuso de autoridade.

*Sem provas concretas o juiz concedeu o **habeas corpus** (direito de ir e vir) ao acusado.*

## Outras bastante comuns

**Habitat** – Empregada principalmente em Biologia para se referir às condições ambientais a que uma espécie se adapta com sucesso.

Exemplo: *Muitas espécies foram extintas pela destruição de seus **habitats** naturais.*

**Per capita** – Ao pé da letra, significa “por cabeça”, mas é mais coerente entender como “por indivíduo” ou “por habitante”.

Exemplo: *A renda **per capita** (por habitante) do Brasil realmente melhorou muito!*

**Ex nunc / ex tunc** – Se referem ao alcance de leis e decretos. Se alguma lei atinge casos anteriores à sua publicação, ela é *ex tunc* (desde sempre). Se só passa a vigorar depois de publicada, ela é *ex nunc* (a partir de agora). Exemplos:

*O condenado deve pagar os impostos **ex tunc** à sentença. (incluindo os atrasados)*

*A Justiça entendeu que as obrigações devem vigorar **ex nunc**. (só a partir da decisão)*

Essas são apenas algumas das muitas expressões latinas que ainda transitam por nossa Língua Portuguesa. Pesquise outras! É uma bela forma de aprender. Até a próxima, pessoal!

\*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor da Revista Appai Educar.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br).



Revista Appai Educar  
Veículo de Apoio ao  
Profissional de Educação



Seguro de Vida em  
Grupo e de Acidente  
Pessoal Coletivo



Serviço Social



Benefício  
Educação Continuada  
Ciclo de Palestras e Oficinas



Benefício Assistência  
Flex Domiciliar



Benefício Médico  
Ambulatorial Básico  
Sem Internação  
Atendimento limitado a alguns  
exames, procedimentos  
e especialidades

Associado, conheça todos os benefícios que a Appai disponibiliza especialmente para você!



appai.org.br



Portal do  
Associado



Requisições



Boleto  
bancário

Acesse o Portal do Associado e atualize o seu e-mail e celular para receber todas as nossas novidades. Mantenha o seu cadastro sempre atualizado e lembre-se: em casos atípicos de paralisações bancárias e/ou dos correios, acesse o nosso Portal do Associado e retire o seu boleto totalmente atualizado.

Visite o nosso portal e utilize essas e outras comodidades *on-line* disponíveis para você!

**appai.org.br**



Jurídico



Benefício  
Dança de Salão  
Atividade Recreativa



Seguro para a  
Cobertura de Algumas  
Doenças Graves



Assistência Funeral



Benefício Odontológico  
Ambulatorial Básico  
Atendimento limitado a alguns  
exames, procedimentos  
e especialidades



Benefício BemViver  
Caminhadas e Corridas

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais)

◆ Plano Hospitalar Coletivo ◆ Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

\*Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

\*A opção do desconto em folha estará disponível apenas para as Instituições que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

Siga-nos nas mídias sociais:



Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro  
Rua Senador Dantas, 117 – sobreloja 211 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20031-911

(21) 3983-3200 appai.org.br faleconosco@appai.org.br

ANS - Nº 38254-0

